





UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

GABRIELA DA COSTA SILVA

**PIONEIRISMO E MEMÓRIA: UMA SOCIOBIOGRAFIA DA SOCIÓLOGA NEGRA
VIRGÍNIA LEONE BICUDO**

Brasília - DF

2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - ICS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

GABRIELA DA COSTA SILVA

**PIONEIRISMO E MEMÓRIA: UMA SOCIOBIOGRAFIA DA SOCIÓLOGA NEGRA
VIRGÍNIA LEONE BICUDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Prática de Pesquisa 2, do Curso de Ciências Sociais, do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Joaze Bernardino-Costa

Brasília- DF

2021

A minha família por ser a terra firme onde pude fincar minhas raízes e o solo fértil em que pude me apoiar sempre. A Neusa Lucia e ao Rogério, as pessoas que me ensinaram que só o ensino muda a vida. Obrigada por me deixarem voar e conquistar meus sonhos.

A todos que vieram antes de mim, assim como Virgínia, e arrombaram as portas para que eu pudesse entrar.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a todos familiares que não só acompanharam meu sonho de entrar na Universidade de Brasília, como também me incentivaram desde o primeiro momento. Especialmente aos meus pais, Neusa e Rogério, aos meus quatro irmãos mais novos Marina, Vitor, Diego e Miguel por apoiarem minha carreira de socióloga e tornarem este caminho mais fácil e verdadeiro.

Às minhas avós, tias e primas as quais me inspiro e admiro diariamente por mostrarem que a sociedade jamais irá decidir o papel a qual as mulheres podem cumprir.

Aos meus amigos, todos eles espalhados pelo mundo, que estiveram ao meu lado em cada passo desta pesquisa e da minha graduação. Em especial a Vitoria, Allan, Rafael, Vinícius, Laísa, Heloísa e Jordhanna que ouviram minhas ideias e sonhos.

Aos meus professores do Departamento de Sociologia e da Universidade Nacional de Bogotá que me mostraram o verdadeiro espírito crítico e o desejo por um mundo mais justo.

Ao meu orientador, prof. Joaze Bernardino-Costa por aceitar essa aventura que foi me orientar em meio a uma pandemia, enquanto esteve sorridente e disposto a me acalmar. Obrigada por acreditar no meu trabalho e por ser sempre uma inspiração.

Ao meu amor, companheiro e grande ouvinte dos meus medos, dramas e sonhos de uma pesquisa que pudesse ter um pedaço de mim. Ao Lucas, por ser a pessoa que me alegrou e segurou minha mão a cada dia, antes mesmo dessa monografia existir.

A você leitor que por algum motivo, se interessou pelo que eu tinha a dizer sobre Virgínia Leone Bicudo.

“Fiz-me poeta por exigência da vida, das emoções, dos ideais, da raça. Fiz-me poeta sabendo que nem só ‘se finge a dor que deveras sente’ e crendo que através da poesia posso exprimir a arte do cotidiano, vivida em cada poema marginal.” (VIEIRA Apud EVARISTO, 2007, p. 39).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a trajetória pessoal e profissional da socióloga e psicanalista Virgínia Leone Bicudo (1905-2003), com intuito de enfatizar o pioneirismo acadêmico de seus trabalhos sobre a questão racial no Brasil e reconhecer sua trajetória singular diante do contexto histórico do racismo brasileiro. Por meio de uma sociobiografia pretendeu-se analisar a história de seus familiares e sua própria em meio ao início do século XX, marcado pelo surgimento da sociologia enquanto ciência no país e o aumento da profissionalização feminina. Com objetivo de observar sua vida pessoal e profissional atreladas, a pesquisa traçou um paralelo entre seus trabalhos “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo” (1945) e “Atitudes dos alunos dos grupos escolares com relação com a cor dos seus colegas” (1955) para captar suas contribuições à sociologia e ao pensamento social brasileiro. Por fim, neste trabalho discutiu-se sobre o apagamento da socióloga na formação de discentes, a ausência de reconhecimento diante de seus trabalhos, além do embranquecimento de sua identidade e os dilemas de gênero e raça enfrentados pela pesquisadora ao longo de sua vida.

Palavras-Chave: pensamento social; Virgínia Bicudo; sociologia das relações raciais.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the personal and professional trajectory of sociologist and psychoanalyst Virginia Leone Bicudo (1905-2003), in order to emphasize the academic pioneering of her work on the racial issue in Brazil and recognize her unique trajectory in the face of historical context of Brazilian racism. Through a sociobiography, it is intended to analyze the history of their families and their own in the middle of the beginning of the 20th century, marked by the emergence of sociology as a science in the country and the increase in female professionalization. Aiming to observe their personal and professional life linked, the research drew a parallel between their works “Racial attitudes of blacks and mulattos in São Paulo” (1945) and “Attitudes of students from school groups in relation to the color of their colleagues” (1955) to capture his contributions to Brazilian sociology and social thought. Thus, to discuss the sociologist's erasure in the formation of students, the lack of recognition of her work, in addition to the erasure of her identity and the gender and race dilemmas faced by the researcher throughout her life.

Key Words: social thought; Virginia Bicudo; sociology of race relations.

Lista de Figuras

Figura 1 – Virgínia Leone Bicudo (1910-2003)	Página 21
Figura 2 - Virgínia na Escola Livre de Sociologia de São Paulo	Página 23
Figura 3 - Trecho de uma das edições do jornal "A Voz da Raça"	Página 32
Figura 4 - Virgínia através dos meus olhos	Página 55

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - VIRGÍNIA E EU, EU E VIRGÍNIA	13
1.1 Sobre seus avós e seus pais	15
1.2 Uma trajetória, uma sociobiografia	20
CAPÍTULO 2 - VIRGÍNIA E O PENSAMENTO SOCIAL	28
2.1 Uma volta rápida ao passado, sua dissertação e as contribuições teóricas	30
2.2 Dez anos depois, o Projeto Unesco e seu trabalho sobre infância	35
CAPÍTULO 3 - INTELECTUALIDADE NEGRA E MARGINALIZAÇÃO	42
3.1 Reivindicando a intelectualidade negra	43
3.2 Uma nova narrativa negra e a influência do ativismo	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
PÓS-FÁCIO	53
REFERÊNCIAS	55

INTRODUÇÃO

“O Segredo de Virgínia é Virgínia como segredo” (GOMES, 2013, p. 27).

Essa pesquisa surge através de anos e anos de interesse pela sociologia, de modo que não nasce diante de um evento específico, mas sim, de uma série de motivações pessoais e profissionais que me levaram a conhecer e me reconhecer em Virgínia Leone Bicudo. Esta temática está entrelaçada pelas similaridades que marcam a trajetória de Virgínia com a minha própria, suas origens tão semelhantes às minhas, seus questionamentos e minha curiosidade por sua figura singular.

Em 2020 quando desenhei o Projeto desta pesquisa pretendia mergulhar em acervos sobre Virgínia Bicudo, o desejo por conhecer o acervo da Sociedade de Psicanálise de Brasília consistia na parte fundamental desta pesquisa, justamente por acreditar que havia sido pouco explorado e por saber que ali haviam documentos aos quais me interessava. Semanas depois de minha conversa com Joaze, começou a pandemia de COVID-19 no Brasil e toda sequência de barbaridade que vivemos até hoje. A pandemia tornou impossível que essa pesquisa se construísse sob a análise documental e me levou a realizar uma análise bibliográfica em contato com fontes secundárias e outros trabalhos densos e reconhecidos sobre Bicudo. Em meio a esse cenário, a escolha por fazer uma sociobiografia da pesquisadora ganhou centralidade e força ao longo dos meses de escrita.

Durante o ano de 2020 me dediquei a repensar e reorganizar a pesquisa, enquanto lia e me aprofundava em outros trabalhos que foram de grande importância a essa monografia - como a tese de Janaína Gomes e o livro lançado por Marcos Chor Maio. Além de me debruçar sobre os textos originais de Virgínia Bicudo, conheci outros trabalhos sobre ela indireta e diretamente - em sua maioria da psicanálise - e até mesmo resenhas sobre o livro lançado por Maio. Durante o primeiro semestre de 2021, escrevi essa monografia em meio a altos e baixos da pandemia, me deparei com meu lado mais exigente em conflito com minha saúde mental e disposição emocional para não só colocar essa pesquisa no mundo, mas me atentar a metodologia, discussões e debates levantados por mim. Aqui consegui reunir um trabalho possível diante a todas barreiras existentes hoje para se fazer ciência em meio a um completo caos social e político.

Há alguns anos, entro e saio de salas de aulas pela Universidade de Brasília me dedicando a compreensão do que é o objeto sociológico, seu método e todas as questões centrais dos estudos sociais. Mas de fato, para mim houve uma questão fundamentalmente maior que esteve ligada às origens da sociologia no Brasil e o pensamento social, a pergunta que norteia a introdução deste trabalho, na sociologia “*quem é o objeto e quem é o pesquisador?*” Boa parte das discussões levantadas a partir desta pergunta, nos permitem refletir acerca do acesso ao espaço acadêmico para grupos marginalizados, de modo a compreender qual lugar ocupado pelos negros dentro da sociologia.

Partindo da análise do sociólogo Guerreiro Ramos, durante muito tempo o negro foi tido como objeto sociológico, destituído de qualquer autonomia ou agência em meio a sua situação social. A famosa reivindicação do sociólogo acerca do negro vida, motiva inúmeros questionamentos sobre a atuação do negro enquanto pesquisador, sujeito de diálogo e possível narrador de sua própria realidade. Sua análise ganha corpo através das gerações de jovens universitários no espaço acadêmico, de modo que cada vez mais desejamos conhecer intelectuais negros que contribuíram para o pensamento social e para as mudanças sociais no Brasil.

Ao olhar para o contexto de ebulição do pensamento social brasileiro na primeira metade do século XX, podemos reconhecer uma jovem negra, entusiasta e dedicada aos estudos da sociologia em meio ao campo completamente marcado por figuras masculinas, brancas e de classe social abastada. Pesquisar e escrever esta monografia tornou-se um exercício pessoal de identificação e observação da trajetória de Bicudo, além de um longo questionamento sobre o cânone do pensamento social brasileiro e seu reflexo direto no apagamento da socióloga. Ainda que haja uma discussão profunda a ser feita no cerne da sociologia e em seus respectivos cânones, aqui pretende-se formular uma narrativa de vida, aqui Virgínia, será a negra vida.

Longe de ser tida como um objeto, gostaria que ela fosse vista como uma mulher plural, complexa, fruto de seu tempo em inúmeros aspectos, mas também pioneira em meio ao baixo número de acesso de mulheres negras ao ensino superior. A seguinte pesquisa, se dedica no primeiro capítulo a traçar uma sociobiografia de sua vida, destacando marcos pessoais e vínculos profissionais que direcionaram seu caminho para a sociologia e psicanálise. No segundo capítulo, analiso seu trabalho teórico com intuito de compreender sua observação sobre a questão racial no período, concordâncias e discordâncias frente a discussão da época e ainda, sua visão própria acerca do racismo brasileiro.

Enquanto pretendia discutir sua vida sob essas duas óticas, esbarrei na recusa pelo reconhecimento de seu trabalho enquanto intelectual e sua marginalização no campo da sociologia. Como cientista social, me pareceu crucial entender esse aspecto, para compreender se de fato Bicudo havia sido um caso isolado ou tornou-se parte de um grupo racialmente delineado de pesquisadores invisibilizados. Ainda que em muitos momentos compreendi que sua figura de forma única e singular, não pude deslocá-la do racismo brasileiro e as práticas recorrentes no ambiente universitário. Boa parte desta escrita retoma perguntas pessoais de uma jovem negra ao longo de toda sua graduação, com intuito de impulsionar a disseminação do trabalho da autora e ainda, apresentar Bicudo como uma referência possível para jovens sociólogas negras. Desse modo, no terceiro capítulo mergulho na discussão sobre intelectualidade negra e discuto através da perspectiva negra sobre as barreiras e possibilidades de seguir um caminho em meio a academia, de modo que possamos ser reconhecidos enquanto intelectuais.

Após adentrar nestas discussões, me permiti observar Bicudo sob uma nova perspectiva artística e pessoal, que pretendia desvincular sua imagem embranquecida de sua trajetória enquanto mulher negra. Utilizei da arte para ressignificar sua imagem e ampliar as possibilidades a qual sua vida pode ser observada, de modo a evidenciar sua negritude e toda trajetória pouco conhecida a seu respeito. O pós-facio deste trabalho conta com uma breve descrição e um toque artístico ao qual me permiti desenvolver sobre Virgínia, como uma escolha pessoal de registrá-la encontrei na colagem digital uma oportunidade para isso.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo um mergulho na sociobiografia de Virgínia Leone Bicudo e na compreensão de que suas contribuições são tão atuais quanto sua existência.

CAPÍTULO 1 - VIRGÍNIA E EU, EU E VIRGÍNIA

Tornou-se um vício apresentar Virgínia Bicudo através de suas qualificações profissionais e títulos acadêmicos, talvez em parte porque exista na sociologia a prática de reafirmar o sujeito enquanto pensador ou intelectual, para além de sua trajetória de vida - essa história que marca sua cotidianidade - não só enquanto formulador de conhecimento, mas como sujeito social. Por trás dessa imagem tão rebuscada e apresentada pela academia há

camadas de subjetividade e particularidades, ainda que o cientista social tenha como objetivo estudar a sociedade, suas memórias e trajetórias de vida fazem parte dela.

Conheci brevemente Virgínia Bicudo entre os corredores e projetos da universidade, um nome distante e pouco evidenciado, que logo me chamou atenção. Para uma jovem socióloga negra em formação, sua trajetória acadêmica e pessoal gerava inquietação e interesse. Ainda que pouco disseminada pelas disciplinas curriculares suas pesquisas parecem ser dignas de destaque. Tomei conhecimento de sua dissertação “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo” (1945) durante o quarto semestre da Universidade, quando um amigo fazia a disciplina “Pensadores do século XX” com o professor Sérgio Tavolaro e comentou comigo que leriam uma escritora negra que eu ainda não conhecia. Apesar disso, foi bem mais tarde que li sua obra.

No primeiro momento, Virgínia se tornou uma conhecida próxima, uma amiga e confidante. Foi comum me pegar conversando com seus textos, lendo suas entrevistas e questionando quais pontos acerca de se as ciências sociais teriam mudado ou não. Como parte de um amplo movimento de resgate da produção intelectual negra - que está para além de Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento -, Virgínia foi descortinada por pesquisadores como Jorge Abraão (2010), Marcos Chor Maio (2010) e Janaina Damasceno Gomes (2013), sua participação nos ciclos fundantes da sociologia brasileira, sua atuação interdisciplinar e sua trajetória exemplar destacam-se diante da pouca visibilidade que lhe foi atribuída.

Ainda que muitas figuras negras sigam apagadas na construção do conhecimento social, o caso de Virgínia me pareceu muito marcante justamente por sua participação e atuação direta no desenvolvimento e consolidação de duas ciências no país: a sociologia e a psicanálise. Apesar do avanço nos últimos dez anos, devido ao grande comprometimento e pesquisa de alguns pesquisadores, sua imagem, seu trabalho e mais ainda, seu nome seguem ausentes na formação de graduandos em ciências sociais. Retomar essas trajetórias, possibilitam que enquanto pesquisadoras possamos revisitar o passado e quem sabe, retomar a narrativa acerca das nossas próprias histórias.

Para além de seus feitos concretos e contribuições, sua figura torna-se central para os estudos do pensamento social e das relações raciais, de modo que se possa pensar uma sociologia que reconheça seus fundadores, que se volte ao passado para analisar e ressignificar sua história. Os estudos da intelectualidade negra em sua maioria visam reparar um aspecto concreto centrado no epistemicídio e nas disputas pelo poder discursivo de quem narra e o que é narrado ao longo da história (CARNEIRO, 2005). É justamente a partir dessas

discussões que essa pesquisa visa buscar na trajetória de Virgínia Bicudo uma oportunidade e um ponto em que se possa discutir esse fenômeno e apresentar alternativas para visibilizar essas personalidades.

Após algum tempo me debruçando sobre suas fotos e escritos, posso escrever sobre quem ela foi e o que de fato, ela se tornou para mim. Virgínia e eu, eu e Virgínia é o nome desse capítulo, propositalmente selecionado para apresentá-la a você, leitor deste trabalho, e também para apontar como essa pesquisa se tornou algo coletivo e particular. Afinal, não é todo dia que podemos estudar sobre a vida de uma socióloga negra.

Os diversos olhares que alguns pesquisadores da psicanálise e das ciências sociais lançaram sobre Virgínia Bicudo, levam a pensá-la sob inúmeras óticas válidas e complexas. Em diálogo com seus estudos gostaria de propor uma análise sobre a autora a partir de dois elementos: o contexto - mais especificamente o surgimento da sociologia - e sua trajetória de vida. Em uma tentativa de traçar uma sociobiografia de sua vida, quero apresentá-la em diálogo com todo aspecto histórico que representa e viveu durante o século XX, além de destacar seu papel de pioneirismo e destaque em meio ao racismo brasileiro.

A escolha por essa dinâmica surge justamente em contato com sua trajetória, por meio de entrevistas, imagens e relatos de jornais que a coloquem enquanto uma grande pensadora social motivada não só pelo racismo, mas também por inquietações subjetivas. Uma trajetória que se inicia no interior de São Paulo, com uma família inter-racial de classe média, que abre portas para novos horizontes e possibilidades. Uma história que poderia ser minha e de tantas outras jovens negras brasileiras.

Ao longo deste trabalho, retomarei discussões e pretendo apresentar novos questionamentos sobre a vida da autora e seu reconhecimento dentro da sociologia. Uma das perguntas norteadoras é *"por que Virgínia Bicudo não foi reconhecida?"*, para além disso, espero indagar de que forma pode-se observar seu apagamento e como retomaremos sua existência enquanto pensadora, sujeita e mulher negra? Em sua tese de doutorado, a antropóloga Janaina Damasceno, apresenta uma discussão necessária, quanto ao aprendizado que pode ser construído a partir dessas figuras marginalizadas, acerca disso ela evidencia a importância de “aprender como histórias de mulheres comuns, podem iluminar a reflexão sobre relações raciais, gênero e educação durante determinado período” (GOMES, 2013, p.17).

A escolha por Virgínia Bicudo, se dá justamente pela aproximação particular que mantive com sua história de vida, uma conexão que motivou o interesse em descobrir mais

sobre a família de seus pais, sua formação, anseios e estudos sociológicos. Ainda que haja grande discussão sobre seus trabalhos, sua existência deve ser descortinada e evidenciada diante das atuais discussões. Muitos talvez tenham vivido uma graduação completa e quem sabe pós-graduação, sem descobrir quem foi Bicudo e seus temas de pesquisa. Ainda que tardiamente, o momento é propício - e se não o fosse, também seria feito - para apresentá-la devidamente como a socióloga que foi.

1.1 Sobre seus avós e seus pais

Não seria possível iniciar a apresentação de Bicudo, antes de dialogar sobre sua família. A possibilidade do reconhecimento de sua árvore genealógica e a exploração dos dilemas raciais, migratórios e o conflito marcado pelos registros familiares. Ainda que haja um certo mapeamento sobre a história de seus pais e avós, há muito a ser questionado e destacado sobre o direito à memória por parte dos sujeitos negros. Quais sujeitos têm acesso a toda sua linha familiar, sua ascendência e origens, os lugares pelos quais passaram e como viveram antes de seu nascimento. Essa é uma discussão cara aos pesquisadores de Bicudo, de modo que sua história pode ser vista de forma parcial ainda que muito sobre sua família foi descortinado.

Um bom exemplo acerca dessa discussão é a obra *Água de Barrela* (2018) da jornalista Eliana Alves, em que a escritora constrói um romance de época enquanto narra a história das gerações de sua família, ao longo de toda narrativa nos deparamos com pedaços de memórias resgatadas e uma reconstrução de sua árvore genealógica desde os primeiros ancestrais no continente africano. Ao final da obra, a autora comenta sobre esse processo de busca e mapeamento de suas origens, dando destaque a quanto esse exercício foi fundamental para o reconhecimento de sua história.

Sobre a busca pelo passado, a reconstrução de narrativas negras e suas vidas marcadas não somente pela dor, mas também pelos dilemas de um país como o nosso, Cruz afirma “não queremos mais aquilo que embranquece a negra maneira de ser, não queremos mais o lento e constante apagamento da cor da terra, molhada, suada, encantada... Queremos os remendos dos panos, nas tramas dos anos sofridos, amados... E acima de tudo, apaixonadamente vividos” (CRUZ, 2018, p.11). Demonstrando a importância que há para os grupos oprimidos, neste caso especificamente aos negros, em reconhecer seu passado, poder traçar paralelos e

compreender cada momento de sua história, mesmo diante de um emaranhado de partes perdidas e faltantes.

Traçar esse paralelo para a vida de Bicudo, foi uma grande tarefa, ainda que sua vida tenha pontos contínuos, há em sua história familiar buracos e nomes vazios. De certo modo, não há novidade nessa afirmação, a grande maioria negra no Brasil tem dificuldade de construir uma árvore genealógica de fato e apresentá-la sem pontos vazios. Apesar de mapearmos parte da história de seus pais, há uma forte distinção de acesso e informações quanto a sua família materna e paterna. Segundo relatos de Janaina Gomes, ao longo de sua pesquisa, não teve dificuldades para mapear os registros da família italiana de Bicudo - família materna - enquanto sobre sua família paterna pouco se conhece (GOMES, 2013).

Durante as pesquisas sobre a trajetória da autora, houve de minha parte uma forte tentativa de construir sua árvore genealógica, de modo que ela estivesse completa e com todas as informações possíveis. Um grande percalço para uma pesquisadora iniciante, mas também um desafio que não concebe a realidade vivida. Na apresentação sobre a base sólida que sustentou a vida construída por Virgínia, seus pais e avós, haverá grandes vazios que geram inquietações e quem sabe em breve possam ser melhor apresentados. De um modo completo e amplo.

A história de Virgínia e sua família se cruza com o período pós-abolicionista, a migração europeia para o Brasil e a inserção das mulheres no mercado de trabalho, com aspectos muito peculiares e interessantes para analisar o período do início do século XX. Formada por um casal interracial composto por um homem negro e uma mulher imigrante italiana, sua família teve uma organização distinta e fortemente marcada pelo contexto histórico em que esteve inserida.

Diante das informações conhecidas, parte da história de Bicudo se inicia através de sua avó paterna, Virgínia Júlio. Esta foi uma mulher negra, escravizada que viveu na Fazenda Matto Dentro do Jaguari, em Campinas - São Paulo. Teve dois filhos, o primeiro não sobreviveu enquanto o segundo seria Teófilo, um negro que nasce livre pela Lei do Ventre do livre (GOMES, 2013). Ainda sem muitos registros sobre sua vida, após o nascimento de Teófilo, sua mãe teria desaparecido, sem qualquer informação ou dados sobre sua existência. O desconhecimento de sua trajetória, traz a essa pesquisa inquietações peculiares sobre o período em que viveu, o direito ao reconhecimento e a memória dos sujeitos negros no período escravista e pós-abolição.

Acerca disso, é necessário questionar por quais motivos e objetivos não existem informações sobre a existência de sua avó. Que tipo de ferramentas e estratégias regem essa organização, com intuito de pensar “*de que modo vamos conseguir resgatar parte dessa memória propositalmente roubada?*”. Nesse sentido, a pesquisadora Ana Paula Musatti Braga afirma “sabemos que o apagamento de uma história não se dá ao acaso, obedece a uma gramática que não é individual, regida por saberes que remetem tanto ao saber inconsciente como a uma lógica de dominação e poder” (Braga, 2016, p. 2)

Os registros históricos acerca de sua família paterna, são escassos e limitadores em termos de análise, há pouca ou quase nenhuma informação sobre quem de fato foi Virgínia Júlio - sua avó - e o que houve com ela após o nascimento de Teófilo. Outro fato marcante acerca de sua família paterna, está no desconhecimento e ausência de qualquer referência à figura paterna de Teófilo, avô de Bicudo, sua existência é pouco mencionada em trabalhos e grande parte das discussões têm apontado que não se sabe quem foi ele. Este desconhecimento faz parte de um processo comum e característico da vida dos sujeitos negros, uma espécie de perda ou mais especificamente, ruptura memória familiar.

Teófilo Bicudo - pai de Virgínia - nasceu em 1888, na mesma Fazenda em que sua mãe trabalhava, como tornou-se órfão muito cedo, foi criado pelos donos das terras em troca de trabalho. A Fazenda era administrada por Bento Augusto de Almeida Bicudo, coronel e chefe da família, herdou a propriedade já estabelecida há anos, sua atuação na política e conexões no jornalismo possibilitaram que circulasse pela elite do interior de São Paulo. Como suposto afilhado de Bento Bicudo, Teófilo recebe o sobrenome do fazendeiro, deixando para trás qualquer menção ao sobrenome de sua mãe.

Segundo a pesquisadora Áurea Pereira da Silva, em seu trabalho “Engenhos e fazendas de café em Campinas (séc. XVIII - séc. XX)”, a Fazenda Matto Dentro do Jaguari foi de grande importância para região do interior paulista, conhecida pela plantação de café, contou com inúmeros negros escravizados e ainda trabalhadores migrantes europeus (SILVA, 2006). No período pós-abolicionista adotou regime de trabalho pago e manteve-se de pé enquanto muitos lugares da região não sobreviveram. Nos dias de hoje parte da fazenda se encontra no Parque Ecológico Monsenhor Emília José Salim, como patrimônio histórico e cultural do Estado de São Paulo, junto com o Instituto Biológico criado em 1988¹.

¹ Informações acessadas no portal do Conselho de Defesa do Patrimônio histórico, arqueológico, artístico e turístico do estado de São Paulo (CONDE-PHAAT) Disponível em <<http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/sede-da-fazenda-matto-dentro/>> Acessado em 20 de Maio de 2021.

Foi através das conexões e relações que Teófilo construiu com Bento Bicudo, que sua vida muda de rumo, abrindo novas possibilidades para que Virgínia e seus irmãos tivessem de certa forma, um caminho distinto do que se esperava para os negros no início do século XX. Os laços com a abastada família branca em Campinas garantiram que Teófilo estudasse e conseguisse um emprego nos Correios após seu casamento. Em entrevista para Maio (2010), Virgínia comenta sobre os dilemas vivenciados por seu pai e as barreiras do racismo em seu sonho de se tornar um médico, de forma consciente a socióloga aponta a persistência de seu pai e um acontecimento muito violento

Virgínia: Olha, vou contar uma coisa tristíssima da história dele. Ele queria fazer universidade. [...] E quando terminou o Ginásio do Estado naquele ano, ele passava direto para Faculdade de Medicina. Naquele tempo não havia vestibular para Medicina. Terminava o ginásio e entrava na Medicina ou em qualquer curso superior. Então, o professor que chamava Barros ou Barrinhos, do ginásio do último ano, quando viu que meu pai ia para Faculdade de Medicina, reprovou. Porque ele disse que negro não podia ser médico. Então, meu pai durante 10 anos ficou fazendo o sexto ano para passar e entrar na Medicina. E esse professor que eu não esqueço o nome... Parece que é castigo, Barros, da Física, reprovava (MAIO, 2010, p. 334-335).

A tentativa por uma carreira de estudos e o acesso ao ensino superior marcam fortemente a vida de Teófilo, em sua exposição acima ela possui clara consciência de que o episódio vivenciado repetidamente por seu pai, fazia parte da realidade racial brasileira. Essa experiência afeta a vida da família de Bicudo, evidenciando que ao longo da educação dos filhos, Teófilo insistiu e persistiu para que todos mantivessem uma trajetória escolar. A partir disso, nota-se que as discussões sobre oportunidade estão presentes na vida familiar em meio ao início do século XX e à perpetuação da estrutura escravista.

Do outro lado da árvore genealógica, estava sua mãe, uma imigrante italiana recém chegada ao Brasil, Giovanna Leone. Os pais de Giovanna, Pietro Paolo Leone e Agrippina Palermo Leone, imigraram da Itália para o Brasil em 1897, como parte de um processo migratório comumente exercido no período em busca de trabalho. Saindo de Catania e Palermo na Itália, chegaram a Campinas, interior de São Paulo, instalando-se na Fazenda Matto Dentro do Jaguari, na qual trabalharam e se firmaram no país. Nesse contexto, Giovanna Leone conhece Teófilo durante os anos de trabalho na Fazenda, e em 1905 casam-se dando início a família que seria o sustentáculo de Virgínia Bicudo (GOMES, 2013).

Em 1910 Virgínia nasce, recebendo o nome de sua avó materna, um dos sobrenomes de sua mãe e o sobrenome adotado por seu pai - herdado de Bento Bicudo. A complexidade

por trás de seu nome, pode anteceder boa parte dos acontecimentos de sua vida, Virgínia é fruto da dinâmica racial brasileira e suas amarras sociais, não só escravistas, mas da lógica de classe, da migração e formação do Estado brasileiro. Esta representação pode ser discutida por meio das análises sobre as relações raciais no país, com intuito de pensar qual o peso desse fato, diante do surgimento da democracia racial de Gilberto Freyre, e como esse aspecto pode se relacionar com essa lógica. Sobre isso Janaína Gomes destaca

Virgínia, Leone e Bicudo eram três nomes que circulavam pelo mesmo espaço social, o da fazenda, exercendo papéis distintos (o escravo, o imigrante, o dono das terras). Virgínia sintetizou diretamente em seu nome uma configuração social que não seria possível fora daquele contexto. (GOMES, 2013, p.47)

A carga social por trás da configuração do nome de Virgínia, está relacionada a um contexto localizado, mas muito potencializador do cenário brasileiro e sua complexidade racial. Acreditar vagamente que essa dinâmica não foi marcada pelo conflito pode ser um equívoco, a evidente herança levada em seu nome foi responsável por apagar a identidade de sua família paterna e estabelecer o nome Bicudo, de um ex-escravista, como a carga existencial que levaria pelo resto de suas vidas. Ainda que sua vida tenha sido marcada por toda lógica racial, mesmo que se mantivesse inerte a esse cenário, seu nome evidentemente carregou todo peso desse contexto social.

Diante de situações excepcionais, a família de Bicudo alcança espaços ainda poucos ocupados por negros no período. Com a admissão de Teófilo como carteiro no Correio Brasileiro, mudam-se do interior de São Paulo para a capital, na qual se estabelecem no Bairro da Luz enquanto Virgínia ainda era uma criança. Muito interessante destrinchar as relações sociais que cercam a formação de sua família, o seio do período pós-abolicionista, os dilemas da imigração e os pequenos detalhes que no futuro serão fundamentais em sua trajetória, possibilitam que enxerguemos parte de sua vida em meio a uma ótica sensível, distinta e racializada.

1.2 Uma trajetória, uma sociobiografia

“É preciso não carregar a pele como um fardo”

Guerreiro Ramos



Figura 1 - Virgínia Leone Bicudo (1910-2003)

Fonte: Fotografia retirada do Acervo Clio-Pysché de biografias de pesquisadores da psicanálise. Acessada <http://www.cliopsyche.uerj.br/?page_id=396>

A trajetória escolar de Virgínia se inicia na Escola Normal do Braz, onde cumpre o primário e o ensino normal, o qual finaliza em 1921. Com intuito de dar sequência a sua carreira de estudos, tornou-se professora pela Escola Caetano de Campos em dezembro de 1930. Sua busca por qualificação profissional vai ao encontro do crescimento do mercado de trabalho feminino, após graduar-se como professora da educação básica Bicudo inicia sua formação no curso de Educação Sanitária, através dessa nova oportunidade “abria-se um novo e ampliado espaço de trabalho para as mulheres, que constituíam maioria quase absoluta dos professores primários na sociedade paulista da época” (TEPERMAN & KNOPF, 2011).

É nesse momento, que sua trajetória se afasta da maioria dos negros da época e abre espaço para o seu papel de pioneirismo. Ao fazer parte de umas primeiras turmas desse curso, Virgínia adentrou a um espaço pouco ocupado por jovens negras, ao romper com barreiras fadadas das mulheres da época, mantendo sua formação profissional em busca de um trabalho que inicia um diálogo que a leva à Universidade de São Paulo.

O curso de educação sanitária surgiu em 1925, oferecido pelo Instituto de Higiene de São Paulo, com duração de dois anos, tinha por intuito capacitar professores primários para ministrar e disseminar conhecimento sobre higiene pessoal. Em nota a sua entrevista com Virgínia Bicudo, Marcos Chor afirma que o curso de Educação Sanitária tinha um currículo voltado aos estudos da higiene infantil, mental, do trabalho, algumas disciplinas de enfermagem e noções básicas de administração (MAIO, 2010). Ao participar do curso de Educação Sanitária, ela faz parte de um grupo seletivo de mulheres que seriam responsáveis por visitar casas, escolas e demais instituições para orientar e divulgar cuidados básicos sanitários.

Sua turma possuía cerca de 27 mulheres e 3 homens, dentre os quais, era a única jovem negra, assim como ao longo de sua formação acadêmica ela seria uma das poucas mulheres negras a circular por espaços de construção de saber. Sobre sua atuação enquanto educadora destaca:

Quando eu me formei em Educadora Sanitária, eu fui trabalhar nos grupos escolares para a saúde das crianças. A gente ia assim, nas classes, primeiro ano, segundo ano e organizava, fazia vacina, via quem precisava de óculos, entende? Saúde. Providenciando o que precisava. Não enxerga bem, encaminha para o oculista. Está deficiente físico, então, vai para o médico. Zelava pela saúde da criança. Ah, e com os pais também, contato com os pais. Orientar os pais também na educação, na higiene da criança. (MAIO, 2010, p.341)

A partir de sua experiência em escolas e demais instituições, Virginia volta seus interesses aos estudos sobre crianças, escola e saúde em aspectos gerais. Sua percepção sobre os fenômenos sociais a partir dos aspectos subjetivos e psicossociais serão uma importante ponte para sua atuação na sociologia e, posteriormente, para fundar a psicanálise no Brasil.

Em 1933, Teófilo falece e deixa toda família desamparada, de modo que Virgínia assume a responsabilidade de trabalhar e sustentar sua família, trabalha exercendo sua profissão enquanto educadora até que tem a oportunidade de entrar no curso de sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política - ELSP da Universidade de São Paulo. A ELSP havia sido criada em 1933, com intuito de construir um espaço sólido e necessário para as discussões da sociologia no Brasil, o pensamento social desenvolvido na instituição estava ligado a Escola de Chicago, de modo que pesquisadores como Donald Pierson, Robert Park, Ellsworth Faris e Everett Stonequist foram fundamentais para a consolidação da ciência, alguns deles como Pierson vieram ao Brasil e puderam não só lecionar como desenvolver seus próprios estudos (MAIO, 2010; CAMPOS, 2010; GOMES, 2013).

O curso teve duração de três anos com disciplinas voltadas à economia, contabilidade, história e política públicas, assim como psicologia social (MAIO, 2010). Quando perguntada sobre suas motivações pessoais para estudar sociologia, a autora destaca claramente sua busca pela compreensão das relações raciais no Brasil, sua preocupação em entender o racismo e o sofrimento gerado por ele. Em uma entrevista a Folha de São Paulo, em 2000, para Anna Mautner ela afirma

Fui buscar defesas científicas para o íntimo, o psíquico, para conciliar a pessoa de dentro com a de fora. Fui procurar na sociologia a explicação para questões de status social. E na psicanálise, proteção para a expectativa de rejeição. Essa é a minha história.” (Mautner, 2000, p. 1)

Sua análise sobre a realidade e a condição existencial a qual estava submetida, aparecem como aspecto motivador de sua busca por se iniciar na sociologia. Ainda que haja evidente preocupação com a dimensão psíquica, Bicudo possuía forte interesse em compreender naquele período as relações sociais presentes no país no início do século XX. Como parte da segunda turma formada pela ELSP, Bicudo tornou-se a primeira mulher negra e única na turma, alcançando um espaço muito excepcional diante do surgimento da sociologia enquanto ciência. Sua aproximação com a discussão das relações raciais foi possível justamente pela presença dos estudiosos da Escola de Chicago e seu interesse nas discussões raciais brasileiras, ainda que a sociologia trilhasse um caminho inicial esse momento torna-se crucial para o aprofundamento da discussão na segunda metade do século.



Figura 2 - Virgínia Leone Bicudo na primeira imagem da terceira fileira de cima para baixo, da esquerda para direita. Única mulher negra na turma de 1938 da Escola Livre de Sociologia e Política. Imagem retirada do arquivo público do Conselho Regional de Psicanálise de São Paulo.

Ao longo de sua formação algumas figuras intelectuais foram importantes para sua atuação, como Oracy Nogueira, Durval Marcondes, Gioconda Mussolini e posteriormente seu

orientador de mestrado, Donald Pierson. Em 1940, inicia atividades na ELSP como professora em conjunto com Durval Marcondes lecionando sobre Higiene Mental e Psicanálise, a aproximação entre eles possibilitou um diálogo interessante sobre questões relacionadas a psicanálise durante sua formação como educadora sanitária, quando conheceu Durval. Sua atuação enquanto professora na ELSP, não pode ser deixada em segundo plano, ainda que dividindo a disciplina com Marcondes, Bicudo torna-se uma das primeiras professoras negras na Universidade de São Paulo durante os anos 1940.

Atualmente, os dados acerca dessa discussão apontam quão baixa é a presença de professores negros nas Universidades, Virgínia foi pioneira em um contexto completamente distinto e muito marcado pelo racismo. Mesmo diante dessa participação, Braga (2016) aponta que durante o trabalho com Durval, Bicudo havia sido identificada em documentos institucionais como branca, assim como Janaína Gomes (2013) que comenta sobre o embranquecimento de Bicudo na imagem presente na Biblioteca da Sociedade Brasileira de Psicanálise - instituição a qual a socióloga foi fundadora - além de seu esforço durante o trabalho de campo em confirmar se de fato Bicudo era uma mulher negra.

Gomes (2013) comenta em sua tese a dificuldade inicial de afirmar a identidade da socióloga enquanto negra, justamente por esse processo de embranquecimento vivido por Bicudo. Sua imagem foi fortemente alterada de modo que os pesquisadores contemporâneos tenham dificuldade de afirmar com clareza qual sua identidade racial, sobre este aspecto a pesquisadora relata “Virgínia não embranqueceu, ela perdeu a cor” (GOMES, 2014, p.12), em uma tentativa de apontar que o movimento de apagamento foi uma ação externa e não uma escolha pessoal de Bicudo.

Ainda sobre isso, comenta

Foi o professor Antonio Candido, quem de certo modo me deu a garantia de que eu estava no caminho certo. Primeiro ao me confirmar que Virgínia Bicudo era sim uma mulher mestiça, que fora cunhada de Paulo Zingg, ex-colega de Candido e me falando que havia conhecido a filha dele há pouco tempo e que ela era muito parecida com Bicudo. (GOMES, 2013, p.24)

De forma significativa esse relato é incômodo e desconcertante a tal ponto que o constante apagamento de seu trabalho tornou-se parte do apagamento de sua identidade. A atuação de Bicudo junto a sociologia parecia pouco evidenciada não somente na pesquisa de Gomes (2013), como de Maio (2010) e Braga (2016), a lógica racista a qual foi submetida jogou seu trabalho ao ostracismo e a tornou uma figura marginalizada diante da sociologia brasileira e suas grandes contribuições à ciência.

Parte dos questionamentos que cercam essa monografia, surgem desse dilema, “*por que e como Virginia Bicudo foi apagada?*”, ainda que quase 80 anos após a publicação do seu trabalho mais conhecido, sua figura é removida das disciplinas de sociologia brasileira e pensamento social, registros e fontes históricas sobre sua vida são pouco explorados e a continuidade do não reconhecimento do seu papel fundante na sociologia enquanto ciência.

Foi no ano de 1941, que iniciou seus estudos na pós-graduação da ELSP coordenada por Donald Pierson, sob influência da metodologia e discussões levantadas pela Escola de Chicago Bicudo dialoga com Robert Park e Ellsworth Faris para compreender os aspectos psicossociais do racismo nas escolas de São Paulo. A princípio seu projeto denomina-se “Estudo da consciência de raça entre pretos e mulatos de São Paulo”, no entanto, foi publicado, em 1945, pela Universidade de São Paulo como “Atitudes de pretos e mulatos em São Paulo”, sendo a primeira dissertação de mestrado sobre relações raciais no país (MAIO, 2010).

Significativamente esse fato marcante é de crucial importância para as discussões levantadas acerca da intelectualidade negra e a existência de pesquisadores no início do século XX, assim como Guerreiro Ramos, Bicudo esteve muito à frente de discussões que ainda hoje são levantadas. Sua dissertação tem como objetivo analisar a atitude - aqui sendo discutida como um conceito psicossocial - dos pretos e mulatos, como se refere aos negros em geral, em relação ao racismo. Para isso, realiza uma observação participante através de estudos de caso e entrevistas com jovens de escolas de São Paulo e suas famílias.

A proposta realizada pela pesquisadora pretendia observar como o comportamento desses jovens negros e brancos se dava com relação a “cor”² de seus colegas. Interessante aspecto a se destacar nesta pesquisa, se dá na necessidade de Bicudo se ater a neutralidade positivista exigida na época, dada sua posição existencial na sociedade. Sobre isso ela comenta a importância de manter o “autocontrole e autocrítica que nos impediam de interferir na entrevista e na interpretação do material colhido” (Bicudo, 1945, p.2). Seu trabalho apresentou uma análise complexa sobre as categorias raça e classe, desenvolveu um estudo relacionado a estratificação para apontar que a classe não era um fato determinante ao racismo, concluindo que os alunos negros de classes mais altas seguiam sofrendo com o racismo.

² A categoria utilizada pela autora em seus trabalhos para se referir a raça é cor, Bicudo opta pelo termo no intuito de se afastar das discussões do racismo científico que pensavam raça a partir da dimensão biológica.

Nesse sentido, Bicudo observa que seu trabalho se contrapõe às análises de seu próprio orientador, Donald Pierson, na pesquisa “Negros in Brazil”, interessante notar que apesar do referencial similar Bicudo inovou em sua pesquisa e pode trazer aspectos ainda pouco discutidos no período. Enquanto Pierson não acreditava que essa questão se aplicava a Bahia, Bicudo apontou que o cenário em São Paulo era distinto, enquanto a capital trazia um cenário de desenvolvimento e ampliação de sua estratificação a ponto de afetar diretamente as relações raciais. Os cenários distintos produziram observações distintas, a análise de Bicudo a aproximou Bicudo de uma perspectiva contemporânea e atual sobre as dimensões de classe e raça. Um fato marcante ao longo da dissertação está nas discussões levantadas por ela acerca da psicanálise, adiantando temáticas trabalhadas pelo psicanalista Frantz Fanon sobre assimilação e racismo. Sobre seu pioneirismo, Tânia Mara Almeida afirma que foi seu lugar existencial e sua aproximação pessoal com o tema que garantiram a ela um outro olhar sobre sua pesquisa, Bicudo construiu suas próprias estratégias para trabalhar a questão racial no período (ALMEIDA, 2011).

Durante seu trabalho na sociologia, Bicudo nota que seu interesse estava em compreender o psíquico e não os fenômenos sociais, a partir de sua experiência com Durval lecionando e sua formação no curso de Higiene Mental, a socióloga decide se debruçar sobre a psicanálise e estudar mais sobre o tema. Um fato curioso, acerca deste momento, está em um de seus relatos, Bicudo afirma que ao procurar Durval para iniciar os estudos na psicanálise, este solicitou que ela trouxesse uma autorização assinada por seu pai, permitindo que ela participasse das reuniões e discussões sobre o tema.

Um incidente peculiar e digno de questionamento, uma prática comum durante o início do século XX, por dois motivos destacados posteriormente pela pesquisadora, o primeiro estava vinculado ao lugar na mulher e sua condição de submissão aos homens - seja um marido, pai ou irmão - e a posição a qual a psicanálise possuía na sociedade, uma nova ciência que ainda estava sendo vista com desconfiança. Com a falsa autorização de seu pai, que já tinha morrido àquela época, Virgínia inicia os estudos na temática e com grandes nomes da psicanálise brasileira realiza diversos trabalhos.

Dentre eles está o programa “Nosso mundo mental”, o qual desenvolveu em parceria com uma rádio Excélsior durante o ano de 1955, a partir de histórias pessoais do público ouvinte, Bicudo opina e aconselha com base em seu conhecimento sobre psicanálise. Um projeto interessante que aproximou não só Bicudo de um público externo a academia, como

ampliou o acesso a psicanálise. Sua atuação na área não parou, em 1944 fundou o Grupo Psicanalítico de São Paulo, precursor da Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Com forte atuação no meio acadêmico Virgínia é convidada para fazer parte do Projeto “Relações Raciais entre negros e brancos em São Paulo”, coordenado por Florestan Fernandes e Roger Bastide com financiamento da Unesco. Com recurso destinado ao Brasil, Estados Unidos e África do Sul, a organização investiu em pesquisas que pudessem se debruçar sobre o racismo e observar o fenômeno sob óticas acadêmicas. Bicudo foi responsável pela análise racial voltado à educação e sua relação com a psicologia, ela coordenou uma ampla frente de discussões sobre o tema, de modo que estudo culminou no trabalho “Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas”. Mais adiante faremos um amplo debate sobre sua atuação nesse projeto e qual papel deste em sua trajetória como pesquisadora das relações raciais.

Um evento específico mudou a realidade de Virgínia e a colocou em uma posição de fraudadora e charlatã. Durante o I Congresso Latino-Americano de Saúde Mental (1954), Virgínia realizou uma apresentação de trabalho em uma das mesas temáticas, causando grande reação negativa por parte dos médicos que participavam do congresso. Estes questionaram a sua formação e a validade do seu trabalho enquanto psicanalista, dada a ausência de formação em medicina. A ofensiva sobre sua posição durante o Congresso foi uma grande ruptura em sua atuação, com os fortes ataques Bicudo sente-se repelida fortemente, “nessa época eles chegaram a distribuir panfletos em que se lia: ‘Se eres neurótico e queres se tornar psicótico, procura a doutora Virgínia Bicudo. Se trate com a doutora Virgínia Bicudo’” (BRAGA, 2016, p.10).

A partir dos ataques marcados pela deslegitimação e desqualificação de sua trajetória profissional, fundamentados no racismo, Bicudo decide viajar para Inglaterra como resposta ao ocorrido e realizar uma especialização com Melanie Klein, uma grande psicanalista infantil do período, no Instituto de Psicanálise de Londres. Em 1955, muda-se para Inglaterra na qual se mantém por cinco anos e aprofunda seu trabalho com foco em crianças e jovens. A especialização possibilitou a ela novos horizontes de atuação, ao retornar ao Brasil, em 1959, continua suas atividades na Sociedade Brasileira de Psicanálise, dando enfoque na disseminação da psicanálise, na construção administrativa da instituição e nos estudos sobre crianças.

Durante os anos 1970, se estabelece em Brasília e cria o Grupo Psicanalítico de Brasília, e logo depois, o Instituto de Psicanálise de Brasília, passa um bom tempo

trabalhando por lá e criando redes importantes para seu trabalho. Ao longo do tempo, retorna a São Paulo, onde termina seus trabalhos e vive sua velhice. Em 2003 falece deixando um grande e complexo legado não só para psicanálise - ciência a qual dedicou toda uma vida - mas a sociologia como um todo. Sua posição enquanto pesquisadora no início do século XX, marca o surgimento da sociologia, sua consolidação através da Escola de Chicago e os estudos das relações raciais.

O lugar marginal e pouco visibilizado tido ao longo de sua trajetória, marca um processo epistemológico de apagamento das produções de autoria negra, ainda que profissionalmente sua vida seja recheada de dedicação e pioneirismo, o que se mantém em evidência são seus relatos sobre o racismo e o preconceito. Toda a complexidade de sua vida pessoal, a morte de seu pai, os estudos e trabalho, são parte de um caminho muito comum e rotineiro no acesso ao ensino superior de muitos jovens. A coletividade de sua trajetória pode ser observada na trajetória similar de muitas mulheres negras estudosas hoje, de modo que o seu reconhecimento possa ser motivador de grandes mudanças na organização social da produção do conhecimento científico.

CAPÍTULO 2 - VIRGÍNIA E O PENSAMENTO SOCIAL

Ao longo desta pesquisa, me auto questioneei sobre o papel ao qual Virgínia cumpriu na sociedade e mais ainda, na sociologia. Seria possível imaginá-la enquanto uma pensadora social, dimensionar seus efeitos e sua trajetória sem localizá-la no bojo do surgimento da sociologia brasileira? Quais seriam suas contribuições teóricas e sociais a essa ciência? Ainda que sua trajetória seja apresentada de forma singular, seu trabalho tem ganhado pouco espaço nos currículos hoje, o desafio tem sido justamente reivindicar seu lugar e para isso, é muito importante que possamos pensá-la diante do surgimento da sociologia e as discussões sobre as relações raciais no país.

Segundo o pesquisador Enno D. Liedke Filho (2005), os anos 1930 foram marcados pela efervescência acadêmica diante do crescimento das ciências sociais, sua institucionalização e a implementação de manuais para o ensino e pesquisa em sociologia. O contexto no qual o autor define como período da “sociologia científica” teve sua concretização através do surgimento da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo -

ELSP, abrindo espaço para formação universitária em ciências sociais e conseqüentemente construindo bases para análises na área.

Em seu artigo “*A sociologia no Brasil: história, teoria e desafios*” o autor afirma,

Nessa instituição [ELSP], sob a influência da Escola de Chicago, representada pelo nome de Donald Pierson, foi realizada uma série de estudos de comunidade, a qual pode ser entendida como um primeiro programa de pesquisa nas ciências sociais brasileiras para o tratamento sistemático da transição da sociedade tradicional para a modernidade (FILHO, 2005, p.383).

A influência da Escola de Chicago contribuiu para o impulsionamento dos estudos das relações raciais com enfoque em São Paulo, Bahia e no Rio de Janeiro. O levantamento de discussões acerca da miscigenação ganhou espaço, explorando as relações coloniais do país através de uma análise sobre a modernidade e até mesmo uma observação sobre o racismo. Para além da ebulição acadêmica, houve uma urgência social impulsionada por movimentos sociais como a própria Frente Negra Brasileira - FNB que levantou a importância em se discutir o tema e apostou no ativismo político para ruptura das condições socioeconômicas para o grupo.

A ELSP tinha como objetivo tornar-se grande espaço de conhecimento para políticas governamentais e desenvolvimento social, para isso utilizou dos conflitos urbanos e rurais como fontes de discussões e estudos sociais. Por meio da interdisciplinaridade entre Sociologia, Antropologia, Ciência Política e Psicologia Social, a instituição focou em uma abordagem empírica sobre as conseqüências do processo de industrialização e urbanização brasileira (MAIO, 2010). É diante desse cenário conflituoso e ainda disputado pelas análises sociais que Virgínia Bicudo assume uma das vagas da segunda turma de cientistas sociais formados pela ELSP, enquanto encontrava seu caminho nos estudos das relações raciais. Sua atuação destacou sua ampla dedicação e interesse não só pessoal, mas social em compreender o fenômeno do racismo, tomado por um olhar voltado a subjetividade e identidade dos negros.

Sobre a inserção de Bicudo no ensino superior, Maio (2010) aponta “as ciências sociais passaram a ser uma das alternativas profissionais emergentes para as mulheres e, no caso de Bicudo, permitiu o aprofundamento da visada sociológica adquirida no âmbito da educação sanitária [...]” (MAIO, 2010), ainda que segundo a visão do autor as ciências sociais teriam ampliado o acesso feminino, Bicudo teve apenas mais uma companheira mulher em sua turma e tornou-se a única aluna negra do grupo.

A instituição pode ser tida como parte de uma elite branca e paulista do século XX, demarcada por uma urgência da produção científica no país e o desenvolvimento de uma ciência social, tornou-se um espaço restrito e de difícil acesso para inúmeros grupos sociais. Ainda que estejamos falando de um contexto localizado em um determinado marco temporal e geográfico no sudeste brasileiro, a partir deste período que a sociologia é centralizada e observada pela academia atualmente. São os pesquisadores formados pela ELSP e seus professores que montaram as peças necessárias para consolidação da sociologia, seus objetos e métodos.

No entanto, é através da excepcional presença de Virgínia Bicudo mediante a tantas barreiras sociais, que hoje faz-se necessário observar de forma atenta sua atuação, seu papel na estruturação da sociologia, e mais ainda, o pioneirismo de seus trabalhos. A reivindicação deste lugar visa contrapor um discurso de relativização de sua importância, que se alimenta por meio da negação completa de sua existência, de modo a pontuar seu trabalho e compreender criticamente seu lugar enquanto a única mulher negra naquele período fazendo sociologia. Não se trata aqui de construir uma escala de importância ou relevância quanto às análises científicas da época, mas sim, evidenciar a multiplicidade de histórias construídas por meio das ciências sociais e mais especificamente, narradas por mulheres negras.

As discussões sobre sua trajetória estão diretamente vinculadas às suas produções acadêmicas, seus trabalhos são parte dos estudos raciais do período, e podem ser destacados pelo comprometimento em observar a realidade dos negros em São Paulo, ainda que, anos depois essa discussão tenha ganhado relevância nacional e internacional com o Projeto Unesco. Uma boa análise sobre suas contribuições e levantamentos são feitas por trabalhos como de Marcos Chor Maio intitulado “A contribuição de Virgínia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil” (2010) e Janaína Gomes com a tese “Os segredos de Virgínia” (2013), ao apontarem suas inovações e evidenciarem seu lugar de visibilidade, reconhecimento e humanidade enquanto pensadora social.

Guerreiro Ramos foi responsável por uma das frases mais marcantes relacionadas ao compromisso com a consciência racial e a construção de uma trajetória subjetiva diante do racismo, “é preciso não carregar a pele como um fardo” resume boa parte das tentativas de resgate, valorização e disputa pela produção de intelectuais negros repetidamente desconhecidos por instituições, profissionais e currículos acadêmicos. Desse modo, a tentativa neste trabalho - assim como em tantos outros - é reivindicar o que é destes por direito: um lugar de existência.

2.1 Uma volta rápida ao passado, sua dissertação e as contribuições teóricas

Em sua dissertação de mestrado, denominada “Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo” (1945), a autora realiza um trabalho até então inédito, a primeira dissertação de mestrado no país envolvendo relações raciais. Sua pesquisa foi realizada entre os anos 1941 a 1944 através de observação participante, entrevistas e estudos de caso junto a organização negra brasileira, hoje conhecida como Frente Negra Brasileira e seu jornal A Voz da Raça. Por meio de uma amostragem de trinta entrevistas, seu trabalho objetivava compreender as atitudes dos entrevistados com relação aos pretos, “mulatos”³ e brancos durante a formação escolar.

Em sua dissertação a autora nomeia a organização como “Associação de Negros Brasileiros” e seu jornal “Os descendentes de Palmares”. Um aspecto a ser destacado em sua pesquisa está nessa articulação e visibilização da atuação da FNB em meio às disputas e conflitos sociais no país. Bicudo não só compõe uma pesquisa de método plural, como se atenta à agência das organizações negras.

³ Virgínia Bicudo recorrentemente utiliza o termo mulato em suas pesquisas para descrever negros que não se enquadravam no grupo de pretos, poderiam ser eles negros de pele clara ou outros. O termo utilizado pela autora não possui as mesmas conotações empregadas atualmente, ainda assim, foi problematizado e discutido por outros autores ao longo do século XX.



Figura 3 - Trecho de uma das edições do jornal A Voz da Raça publicado em 18 de Março de 1933. Disponível no acervo da Imprensa Negra Paulista pela Universidade de São Paulo <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/a-voz-da-raca/>>

Em termos teóricos, um aspecto marcante de seu estudo estava o interesse na categoria “atitude” enquanto um objeto de análise relacionado às relações sociais, a partir das atitudes

dos sujeitos ela poderia analisar como o preconceito - ou a ausência dele - seria expresso na sociedade. Ao reconhecer a atitude como um fator significativo na interação social, Bicudo visa entender como as atitudes dos entrevistados variam de acordo com a cor de cada sujeito e de que modo essa ação individual teria relação com as ações sociais. Para isso, dividiu metodologicamente os grupos de acordo com a classe e raça de cada um deles, de modo a investigar aspectos como a identidade que atribuem a si mesmos, sua consciência racial e as condições materiais as quais vivem.

Nesse sentido, Bicudo apresenta uma discussão vinculada à dimensão econômica e sua relação com a questão racial no país, de modo que a classe torna-se uma categoria acionada para dimensionar como o racismo apresenta inúmeras possibilidades de expressão quando observado diante de outras realidades. Por meio da organização de um estudo muito próximo à estratificação social, a autora articula a noção de classe social vinculada à composição de três aspectos, sendo eles, a condição econômica, profissão e o nível de instrução familiar (BICUDO, 1945). Essa escolha teórico-metodológica chama atenção pela complexidade e proximidade dos estudos atuais, sua preocupação em observar o fenômeno do racismo relacionado a outras categorias pode ser ligada há um debate recente quanto a sobreposição entre classe e raça e como essas dimensões dialogam entre si.

A partir disso, observa como a classe social tornou-se um fator estruturante na organização do racismo, influenciando diretamente nas experiências sociais e subjetivas dos negros em geral. Ao estabelecer três tipos de classe em seu trabalho - baixa, intermediária e alta - dentre os três grupos raciais, Bicudo consegue observar como o racismo atua em meio aos distintos níveis sociais, sendo expressivo e evidente ainda que grupos de pretos e pardos tenham ascendido socialmente os pretos em posição de classe intermediária não deixam de vivenciar experiências racistas, contrariando seu próprio orientador Donald Pierson em “Negros in Brazil”.

Nesse sentido, observa-se que a ascensão social econômica não reduziu o impacto do racismo em suas vidas e acabou por limitar e prejudicar sua circulação e acesso a espaços sociais. Em resenha da dissertação de Bicudo, a pesquisadora Tânia Mara Almeida aponta que provavelmente a dissociação de classe e raça realizada por Virgínia ao evidenciar o racismo nos espaços de classe alta, acabou por prejudicar a circulação de seu trabalho em Revistas e meios científicos (ALMEIDA, 2011). Uma ruptura pertinente ao período e uma análise empírica de como essas categorias andam juntas muitas vezes, mas não podem ser compreendidas com o mesmo peso e significado.

Sobre essa questão ela apresenta o relato de um dos entrevistados da Frente Negra,

Afirma-se na Bahia, como fez o professor Donald Pierson, que o negro rico não sofre preconceitos. Tal afirmação não é verdadeira em São Paulo. Em primeiro lugar pode-se afirmar que não existe negro economicamente independente; portanto, aqui entendemos por negro rico aquele que for instruído, educado. As experiências diárias mostram que também eles sofrem as consequências da cor da pele. O Centro de Funcionários Públicos vedou a entrada das moças formadas em nossas escolas secundárias, filhas de um intelectual que entre nós exerce suas funções, unicamente por se tratar de pessoas de cor (BICUDO, 1945, p.37).

Suas análises enfatizam que o acesso a oportunidades de trabalho e ao ensino superior não garantem ao negro o mesmo status social do branco, afirmando a existência de uma distinção racial sob suas trajetórias. Através desse relato pode-se evidenciar a consciência racial apresentada pelo entrevistado e seu conhecimento acerca da opressão cotidiana vivenciada por pretos que ascendem socialmente dada sua raça. Nesse sentido, afirma que "a conquista de um diploma de escola superior [...] não garante ao preto a satisfação do desejo de ser aceito socialmente sem restrições" (BICUDO, 1945, p.9).

A partir dessa reflexão, Bicudo observa que são essas atitudes que afastariam os pretos de classe intermediária e baixa dos brancos em geral, gerando um sentimento de desconforto e desconfiança. Interessante notar, que sob pontos e perspectivas distintas os pretos sentem o conflito racial de forma cotidiana. A consciência racial, no entanto, varia para os mulatos de classe baixa ou intermediária, Maio (2010) observa que "o mulato procurava adquirir símbolos do grupo branco dominante, consciente de que a discriminação estaria na razão direta da associação de sua cor com a origem africana" (MAIO, 2010). Existe nesse grupo um sentimento de inferioridade e um afastamento dos pretos como uma tentativa de manter-se longe do racismo.

Nesse caminho, as categorias raciais levantadas para pesquisa apresentam resultados marcantes de grande complexidade quanto ao reconhecimento da identidade racial. A partir de sua preocupação com a subjetividade, a autora observa de que modo estes aspectos afetam tanto os grupos de pretos e pardos⁴ cotidianamente, como alimentam um sentimento de inferioridade - o qual os entrevistados atribuem a sua cor - e o peso que isso tem em sua vida social. Em uma das passagens mais marcantes sobre essa questão, a autora afirma "entre nós a cor apresenta o mesmo característico das classes sociais, no sentido de poder ser superada,

⁴ Tomarei a liberdade de substituir a categoria "mulato" utilizada pela autora, pelo termo "pardo" com intuito de construir uma discussão ligada aos termos corretos e adequados ao Censo IBGE atual e a compreensão das organizações negras acerca da identificação racial entre os negros brasileiros.

constituindo, portanto, um dos fatores a se levar em conta determinante do status social” (Bicudo, 1945, p.14).

As entrevistas de pretos e pardos apontam para resultados distintos, de modo que entre os negros há sentimentos e experiências diversas. Um dos aspectos marcantes evidenciados pela autora está na identificação racial dos pardos, Bicudo nota que o grupo de pardos tende a manter dois comportamentos, sendo eles, se reconhecer enquanto preto ou se afirmar branco. A partir disso, a autora reconhece que os pardos têm uma forte consciência racial, compreendem a dinâmica do racismo estrutural e optam por se aproximar ou se afastar dos pretos, de modo que em partes essa decisão passa a ser tomada de forma consciente. Essa discussão pode ser destacada sob inúmeras óticas, mas Bicudo acaba por relatar que é justamente essa dualidade quanto à figura do pardo que gera desconfiança e conflito em relação a aproximação de pretos seja de classe baixa ou intermediária. Existe um conflito intra-racial observado por Bicudo que reforça um sentimento de inferioridade e relações de antagonismo entre estes.

Sob essa perspectiva seus estudos apontam que tanto o branco quanto o negro possuem uma postura ambivalente quanto ao pardo, por sua maior oportunidade de acesso e circulação entre esses grupos. Segundo a pesquisadora, nesses casos, com intuito de não ser repellido, o pardo assume atitudes de modo a valorizar a mestiçagem, visto que “as dificuldades de ascensão social estão diretamente ligadas à cor” (BICUDO, p. 12, 1945). A contribuição da pesquisa de Bicudo se deu em dois sentidos, nesse caso, i) a sua análise estratificada quanto a observar os negros em dois grupos distintos de modo a entender como são afetados de forma coletiva e singular, e ii) compreender de fato como o racismo atua na subjetividade de cada um deles os afastando conscientemente. Nesse sentido, suas análises consideram a agência destes sujeitos e suas estratégias para burlar ou lidar com as barreiras do racismo.

Dada a influência da Escola de Chicago, pode-se evidenciar sua aproximação com os estudos de seu orientador Donald Pierson e seu colega Oracy Nogueira, ao desenvolver uma análise comparativa entre os Estados Unidos e o Brasil, de modo a apontar a realidade do racismo experienciado no Brasil em contraponto a segregação racial estadunidense. Em muitos cenários, a perspectiva levantada sobre essa questão observou a realidade brasileira e construiu falsas percepções sobre o racismo no Brasil, de modo a amenizar seu potencial de violência e dominação. As diferenças quanto à identidade, à organização do racismo e à própria história dos negros em ambos países torna-se alvo de interesse para Bicudo, assim

como outros pesquisadores que estudaram relações raciais posteriormente ao seu trabalho. A autora, não foge dos estudos do período e corrobora com a percepção de que o racismo no país, não seria arduamente violento quanto o é em outros lugares. Esse fato, nos permite observar Bicudo sob a ótica do contexto e discussões de seu período, ainda que pudesse explorar e analisar subjetivamente as experiências dos jovens em sua pesquisa, pouco se atentou a discutir quão violenta também poderia ser a realidade brasileira para estes.

Ao final Bicudo destaca que há ainda um sentimento de inferioridade vinculado ao preto, assim observa que tanto o preto quanto o pardo assumem uma posição assimiladora da cultura dominante e do status social vivenciado pelo branco. Nesse sentimento, o antagonismo existente entre os pretos e pardos, corrobora com concepções negativas sobre si mesmos. Sua obra inicia e dá um primeiro esboço aos estudos que tomam corpo por meio de Lélia Gonzalez (1980) e Abdias do Nascimento (1978), as discussões sobre a formulação da identidade negra e os dilemas acerca dos distintos fenótipos e como isso acarretaria um impacto do racismo em suas trajetórias.

Ainda que Bicudo não tenha se desprendido inteiramente de concepções vinculadas à democracia racial e em muitas vezes tenha se direcionado por uma análise romantizada da miscigenação suas contribuições apontam para um caminho norteador dos anos do século XX sobre as relações raciais, a distinção entre classe e raça, sua influência em toda estrutura social vinculada a ascensão social e tantos outros aspectos. Em poucos trabalhos do período pode-se observar tamanha multiplicidade de relatos e discussões sobre os sentimentos dos negros. Para o pesquisador Mario Augusto Medeiros da Silva (2011) as entrevistas são o ponto alto do estudo, de modo a evidenciar a complexidade entre o lugar do negro estabelecido pela sociedade e os papéis sociais distintos que estes assumem. Isso pode ser destacado desde sua preocupação em observar os negros em camadas intermediárias de classe e um olhar muito próximo ao viés psicológico da compreensão destes sujeitos quanto ao seu lugar no mundo.

2.2 Dez anos depois, o Projeto Unesco e seu trabalho sobre infância

Dez anos após a publicação de sua dissertação, Virgínia Bicudo foi convidada por Florestan Fernandes e Roger Bastide, para realizar a pesquisa “Atitudes dos alunos dos grupos escolares com relação com a cor dos seus colegas” no Projeto Unesco. A princípio o Projeto fazia parte de um investimento massivo em pesquisas sociais financiadas pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, baseado no informativo

intitulado “*L’Unesco et son programme: la question raciale*” (DA CRUZ et al, 2015) aprovado na Itália durante o ano de 1950, responsável pelos primeiros passos do que viria a ser o Projeto denominado “Relações Raciais entre negros e brancos em São Paulo”.

Em um cenário de pós-holocausto e inúmeros conflitos raciais em países como África do Sul e os Estados Unidos, a Unesco se preocupou em compreender a dinâmica racial a partir dos estudos da antropologia e sociologia. Para a organização internacional o Brasil passava a imagem da harmonia racial e tornou-se um exemplo a ser mantido por outros países do mundo (MAIO, 1999; DA CRUZ et al, 2015), com esse intuito investiu no projeto justamente para compreender essa dinâmica, visando assim

[...] encontrar a chave para a superação das mazelas raciais vividas em diversos contextos internacionais, a agência intergovernamental teria acabado por se ver diante de um conjunto de dados sistematizados sobre a existência do preconceito e da discriminação racial no Brasil (MAIO, 1999, p.151).

No Brasil, o Projeto Unesco teve como caráter incentivar o desenvolvimento singular da pesquisa nas ciências sociais, contribuiu para a ampliação de dados objetivos e a ampliação de pesquisas empíricas sobre o tema das relações raciais (Maio, 1999). Na tentativa de realizar uma pesquisa comparativa sobre o Brasil e demais países, através de estudos na Bahia e São Paulo, o Projeto trouxe dados inesperados sobre o cenário brasileiro e não só fundamentou uma geração de estudos sobre as relações raciais, mas também possibilitou discussões sobre a modernidade brasileira através de figuras como Florestan Fernandes, Roger Bastide e outros.

A implementação do Projeto passou por inúmeras discussões, levantando problemáticas quanto ao local a ser estudado, a crença no mito da democracia racial e até mesmo a natureza deste. Um aspecto pertinente sobre esse último ponto, está relacionado a participação das organizações e do associativismo negro do período e seu papel frente ao desenvolvimento e a publicação do Projeto. O sociólogo Maio (1999) comenta em seu artigo intitulado “Guerreiro Ramos interpela a Unesco: ciências sociais, militância e antirracismo” que o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos e o antropólogo Abdias do Nascimento, junto ao Teatro Experimental do Negro, foram figuras centrais na pressão para que o Projeto Unesco adotasse um caráter político e crítico a democracia racial, mudando assim a natureza do projeto.

Essa atuação se inicia durante o 1º Congresso Brasileiro do Negro, que aconteceu durante o ano de 1950 com organização do Teatro Experimental do Negro. Através deste

evento, Ramos propôs a UNESCO uma tese crítica ao projeto aprovado na Itália e propositivamente vinculado ao ativismo negro realizado no Brasil na época, intitulada “A Unesco e as Relações de Raça”. Nesta tese, o sociólogo desejava que a organização patrocinasse um Congresso Internacional de Relações de Raça em contraposição a um projeto estritamente vinculado às pesquisas acadêmicas. Através de sua trajetória no ativismo negro, Ramos pretendia construir algo pragmático quanto à mudança prática da situação do negro brasileiro frente a desenvolver estudos científicos que agregassem dados mas não afetasse a vida prática no país (MAIO, 2015).

Segundo Maio, “Guerreiro sugeria que modelação de novas atitudes e valores em face das populações discriminadas fosse adotada como política de âmbito internacional” (MAIO, 2015, p.85), é notável sua preocupação com o caráter político do evento e o desejo por resultados palpáveis e imediatos. A postura de Guerreiro pode ser compreendida como uma posição que valoriza o papel das organizações políticas negras na produção de conhecimento e também nas reflexões sobre as questões sociais. Nesse sentido, a antropóloga Nilma Lino Gomes (2017) destaca o papel crucial das organizações negras brasileiras em provocar instituições para debater e reavaliar o cenário das questões sociais, enquanto aborda as discussões sobre educação e as políticas afirmativas, sendo assertiva ao compreender de onde surgiram grande parte das reivindicações negras do século XX.

Apesar da crítica de Guerreiro, a Unesco optou por consolidar o Projeto sob uma forte perspectiva científica liderada por Fernandes e Bastide, de modo que parcialmente todo trabalho do Teatro Experimental do Negro e de Guerreiro Ramos foram responsáveis por diversificar o Projeto, mas não reorganizá-lo em sua totalidade. Importante parâmetro para localizar o estabelecimento do Projeto e seu papel durante a metade do século XX, está em sua contribuição para a valorização científica e uma urgência na produção de dados. Entretanto, apesar do direcionamento mais acadêmico do Projeto, restou espaços para a narrativa construída pelos pesquisadores, que apontou para uma dimensão mais política. Uma das pesquisas responsáveis por esse norte foi o estudo sobre a sociologia da infância escrito e organizado por Virgínia Bicudo mediante ao comando das análises psicossociais levantadas pelo Projeto.

O seu trabalho intitulado “Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas” mantinha um forte vínculo com sua dissertação de mestrado e trazia novos olhares sobre as relações entre alunos no ambiente escolar, de modo que pretendia entender os mecanismos de defesa utilizados pelos sujeitos com relação à raça e à influência

da família no desenvolvimento das atitudes que os alunos apresentam cotidianamente. Para isso, a autora iniciou a pesquisa com uma amostragem de cerca de 4520 alunos de 9 a 15 anos de escolas municipais de São Paulo. Em uma segunda etapa afinou a amostra para 29 famílias, envolvendo um estudo de caso e o método estatístico, ao desenvolver uma pesquisa estratificada agora uma categoria nova: o gênero⁵ (BICUDO, 1955).

No artigo denominado “A pesquisa sobre criança e infância no Projeto Unesco” as pesquisadoras Ana Cristina Cruz, Anete Abramowicz e Tatiane Rodrigues apontam que além de Bicudo outro trabalho desenvolvido por Aniela Meyer Ginsberg desenvolveu estudos sobre as relações raciais na infância, sobre ambas concluem que articulam teoria e o método para pensar relações raciais na infância a partir de categoria diversas como idade, meio social, raça, gênero e natalidade (DA CRUZ et al, 2015). De modo que sua formação na ELSP sob orientação de Pierson ganha evidência e aproxima seu trabalho do método estatístico e dos estudos de caso, se destaca pela inovação ao produzir um resultado significativo de dados enquanto trabalha com crianças em um contexto com baixo foco de produções na área.

Os objetivos do trabalho de Bicudo eram i) entender os mecanismos de defesa com relação a cor, e ii) influência da família no desenvolvimento dessas atitudes, para isso, aplica um questionário com intuito de medir o desejo de afastamento e aproximação entre os alunos, trabalhando com grupos de “brancos, mulatos, negros e japoneses, segunda aparência dos traços físicos” (BICUDO, 1955, p.228). Através dele, observa que em geral - independente da raça - os estudantes preferem construir relações próximas com colegas brancos, gerando discussões complexas acerca de como as crianças enxergam as relações raciais e como reproduzem percepções sobre os sujeitos não-brancos.

Considerando como as relações sociais são marcadas por categorias sociais, para além dos aspectos subjetivos, como a raça, gênero, a classe e a nacionalidade dos alunos, evidencia que após o branco, os grupos podem ser ordenados da seguinte forma, com o negro ocupando o segundo lugar, o japonês em seguida e o pardo na última categoria (BICUDO, 1955). Há em sua análise a complexidade de aceitação por parte dos pardos, de modo que são amplamente rejeitados entre os negros e os brancos, assumindo uma postura ambígua diante das relações raciais. A socióloga observa que tanto os alunos negros quanto brancos preferem seus colegas brancos, em contrapartida o grupo de japoneses apresentou maior preferência entre os próprios japoneses.

⁵ Nesta pesquisa Bicudo observava a categoria sexo como um novo fator para suas análises, entendendo a dimensão atual compreendo que suas percepções não estão totalmente incluídas na discussão atual sobre gênero mas remontam uma discussão importante para o período.

A ambiguidade gerada pela escolha e atitude dos pardos remonta ao cenário já evidenciado em sua dissertação de mestrado, quanto a desconfiança e passabilidade⁶ desse grupo, sobre isso a autora comenta “o mulato foi o grupo menos escolhido por incorporar-se e ter sido incorporado aos grupos branco ou negro” (BICUDO, 1955, p.231). Anos depois de sua primeira pesquisa nota-se uma percepção similar e quem sabe pouco modificada da realidade dos pardos, a taxa de rejeição e suas escolhas confirmam as impressões observadas pela autora.

Sua investigação com os alunos demonstra que em nenhum momento a raça é apresentada como um motivo explícito para justificativa de aproximação ou afastamento entre os alunos, mas foi resgatada através de categorias indiretamente relacionadas ao racismo estrutural. Em muitos relatos a noção de “bom” foi constantemente relacionada as crianças brancas enquanto aos negros e pardos adjetivações ruins prevaleceram. Bicudo evidencia a partir disso, certa censura do próprio preconceito por parte dos alunos, que utilizam justificativas relacionadas a qualidade, para cumprir a expectativa dos adultos agindo da forma como foram educados. Sobre isso ela afirma “levantamos a hipótese de que a expressão das atitudes ligadas à cor foi censurada e encoberto por uma identidade do branco com as boas qualidades e do negro com as más qualidades” (BICUDO, 1955, p.243).

Sua conclusão parte das respostas recebidas dos alunos quando perguntados sobre a motivação para sua escolha entre um grupo ou outro, as respostas que rejeitam os colegas pretos ou pardos são justificadas com a ideia de “mau aluno”, “cabulador”, “copiador” de modo a reafirmar uma construção negativa sobre a identidade dos negros e um elevado censo de moralidade quanto às escolhas e às atitudes dos alunos. Evidenciando desse modo, a análise afeiada sobre essa relação as entrelinhas do racismo entre crianças e sua reprodução massiva no ambiente escolar, nesse sentido a pesquisadora Elisângela Santos afirma que o trabalho de Bicudo

[...] apontou que estereótipos, preconceitos, discriminação e desigualdade eram premissas que também faziam parte do universo infantil, e por isso, sua perspectiva nos fornece instrumentos analíticos capazes de interconectar a sociologia, a psicologia infantil e a educação (SANTOS, 2018, p.1196).

Sua interdisciplinaridade deve ser destacada, é através de sua formação sociológica combinada com seu interesse pela psicanálise e sua atuação no ambiente escolar que Bicudo

⁶ Termo resgatado da literatura estadunidense originalmente definido como “passage” se refere a oportunidade de que negros de pele mais clara e traços finos possam circular mais facilmente entre os grupos dominantes, por meio de um processo de negação de sua identidade e embranquecimento.

pôde produzir uma pesquisa ampla e reorganizar o foco da análise ao evidenciar o protagonismo das crianças, para compreender seus posicionamentos e expressões diante das relações raciais. Segundo Santos (2018), as análises sobre infância até então foram estudadas pelo campo pedagógico e psicológico, enquanto ambos foram pautados pela influência da medicina higiênica, de modo que Bicudo rompeu com essa barreira e possibilitou uma nova reflexão sobre como o racismo operou nas diversas formas de socialização.

É notável ao longo do trabalho da autora, que as respostas produzidas pelos alunos apontam para uma percepção maniqueísta sobre os grupos entre si, há um reflexo negativo dos valores expostos estruturalmente pela sociedade que são alimentados no ambiente escolar e familiar. Ainda por meio da noção de bom e mal, a socióloga observa que “as atitudes de rejeição do grupo dominante parecem construir um padrão e estímulo para as atitudes de rejeição dos grupos de minoria” (BICUDO, 1955, p. 235). Seus dados ao final, afirmam que apesar do branco ser o grupo mais escolhido, também recebeu um elevado número de rejeição e isso se dá, pois “os grupos de minoria não atraíram contra si próprios a maior carga de hostilidade” (Bicudo, 1955, p.238).

Ainda nesta etapa, Bicudo observa uma forte discrepância quanto ao gênero, de modo que as taxas de rejeição entre as raças tiveram influência da variável gênero em alguns casos. O destaque a essa categoria foi notada através das escolhas das alunas brancas, visto que para elas as escolhas foram majoritariamente entre suas próprias colegas brancas, afastando-se dos homens e mulheres de todas as raças analisadas pela autora. Interessante destacar que entre as alunas brancas houve um fator interno de maior reconhecimento de gênero e distanciamento de qualquer outro grupo que apresentasse características diversas e distintas às suas. Apesar de não explorar a fundo a questão, esse dado particularmente me chamou atenção e me levou a questionar “*por que as alunas brancas não apresentaram escolha por alunas pretas e pardas?*”, “*de que modo optam involuntariamente ou não, para se afastar dos alunos pretos e pardos?*” e “*até que ponto essa escolha teve influência familiar?*” (BICUDO, 1955).

Durante a segunda etapa do trabalho, os estudos de caso se voltam para os pais, suas respostas demonstram que nem sempre o preconceito está indiretamente escondido. Alguns pais, e até mesmo uma professora, apresentaram falas em que o racismo aparece diretamente, no entanto, optaram por logo em seguida esconder seu racismo demonstrando vínculo e amizade com negros em suas vidas pessoais. A pesquisa de Bicudo apresenta um aspecto comumente acionado ainda nos dias de hoje para justificar ações individuais contra negros cotidianamente. Há nesse cenário, uma mútua correção quanto ao posicionamento do sujeito,

em parte reconhece seu racismo e não se envergonha em se posicionar, mas logo em seguida, acaba por amenizar sua concepção e justificá-la. É a partir disso que a socióloga compreende a relação direta entre a opinião dos pais e as respostas emitidas pelos alunos, seus filhos.

Em muitos sentidos sua pesquisa avança, apresenta dados e cria mecanismos para uma nova percepção sobre a realidade racial no país, sobre o desenvolvimento da pesquisa realizada por Bicudo e Ginsberg, Cruz comenta

[...] são precursoras por articularem sociologicamente conceitos da ainda incipiente psicanálise no Brasil nas atitudes das crianças utilizando o espaço escolar como locus abrangente, procurando compreender as atitudes delas como pertencentes a grupos escolares em relação ao preconceito racial no espaço escolar paulistano” (Cruz et al, 2015, p.336)

Bicudo abre espaço para a importância de utilizar novas categorias de análise diante da dimensão racial, seja ao analisar empiricamente o comportamento e atitudes dos alunos ou de sua família. Reconhece já nos anos 1950, a urgência em observar como a heterogeneidade de sujeitos pode ser percebida pela sociologia e compreendida seriamente, de modo a produzir dados contrários à ideia da democracia racial e a negação do racismo. Seus dados apontaram também um comportamento complexo e negativo vinculado a própria identidade dos sujeitos negros, expondo como a positividade desta seria um grande passo para as discussões das relações raciais.

As afirmações dos negros apresentaram inúmeros estereótipos sobre o ser negro e demonstraram como a própria identidade negra ainda estava em disputa, desde o reconhecimento e familiaridade com sua raça até mesmo o desejo pela afirmação de sua ancestralidade e trajetória. Nesse sentido, ela comenta “a atitude para com a cor influi não somente nas relações com os grupos extra-familiares mas também nas ligações afetivas entre os membros da família” (BICUDO, 1955, p.268), de modo a evidenciar que em muitas famílias negras a própria dimensão racial possuía um caráter negativo ou ausente.

O estudo de Virgínia abre espaço para discussões sobre identidade enquanto algo positivo e nos apresenta a um Brasil múltiplo e complexo entre suas próprias entrelinhas, há nos relatos sentimentos e sensações que estão sendo exploradas e discutidas atualmente, sua preocupação com a noção de atitude e as relações pessoais transporta a discussão para uma análise do micro e interpessoal colocando as relações raciais em cheque diante do ambiente escolar e familiar. A socialização dos alunos, seus vínculos familiares e seu senso de moral são analisados pela autora, evidenciando os resquícios do racismo nas relações diárias entre

eles; de modo que em muitas situações, podem não agir conscientemente, mas seguem reforçando e perpetuando estigmas construídos e reforçados em seu ambiente familiar.

Este estudo deve ser entendido como um amplo trabalho que levanta dados acerca da temática e observa a realidade sob uma ótica quali e quantitativa, enquanto grande parte das ciências se mantinha preocupada com a dimensão estrutural exclusivamente. O material desenvolvido abre caminhos para áreas das ciências sociais como socialização, sociologia das relações raciais, educação e aos estudos sobre juventude, ao corroborar com uma nova abordagem a ser trabalhada na sociologia em meio a sua institucionalização.

CAPÍTULO 3 - INTELECTUALIDADE NEGRA E MARGINALIZAÇÃO

Esse capítulo surge de um desejo particular de três anos atrás quando a graduação ainda era um mar a ser desvendado e no Programa de Educação Tutorial da UnB decidi estudar três intelectuais negras: Thereza Santos, Beatriz do Nascimento e Virgínia Bicudo. A época queria conhecer sobre suas vidas e entender por que após quase quatro semestres no curso não havia lido autores negros em disciplinas obrigatórias, anos depois escrevo esse trabalho de conclusão de curso com um sentimento que de que se os li foi por pura iniciativa e fora das matérias curriculares. O trabalho que foi apresentado como pôster no Congresso Brasileiro de Sociologia, em 2019, desencadeou meu interesse por estudar especificamente Virgínia Bicudo e de alguma forma entender por que não a descobri antes.

Com um misto de críticas ao processo de apagamento recorrentemente imposto aos negros pesquisadores e admiração por todo movimento político-social de retomada dessas figuras, pensei que assim como Lélia e tantos outros, Bicudo não poderia ficar de lado. Ainda que para muitos a discussão sobre a presença de intelectuais negros na Universidade, nas disciplinas e nos programas por todo Brasil seja repetitiva, me parece que há na repetição um processo pedagógico que passa pela exigência e disputa política. A partir das reflexões obtidas por meio da trajetória de Virgínia, pretendo aqui dialogar com alguns teóricos negros para brevemente discutir a concepção de intelectualidade, o sexismo e a influência dos movimentos negros no exercício de uma intelectualidade negra.

3.1 Reivindicando a intelectualidade negra

As discussões acerca dos trabalhos e contribuições de Bicudo, devem ser alinhadas a uma vasta produção sobre o campo da intelectualidade, mais especificamente, da intelectualidade negra. Apontamentos vinculados ao acesso a oportunidades, os dilemas da produção sobre as relações raciais, as dimensões de gênero e raça, e ainda a visibilidade de suas produções caminham lado a lado em seu cotidiano enquanto pesquisadora ao longo do século XX. Em suas entrevistas e relatos pessoais, Bicudo destaca sua trajetória pessoal e sua escolha pela carreira na sociologia e psicanálise como uma alternativa diante a sua condição de negra no país, sua motivação a levou a trilhar um longo caminho na pesquisa e desenvolver trabalhos de grande importância, como apresentado no capítulo anterior. É diante dessa questão, que as discussões sobre intelectualidade se apresentam nesta pesquisa e orientam um debate que visa apontar até que ponto o lugar da intelectualidade foi negado a Virgínia Bicudo e as suas produções científicas.

Em “Intelectuais negras” Bell Hooks reconhece o trabalho intelectual como um refúgio, a possibilidade de repensar a própria realidade e suas experiências. Sobre seu trabalho enquanto intelectual, ela comenta: “valorizava-o não por ter me trazido status ou reconhecimento, mas porque oferecia recursos para intensificar sobrevivência e meu prazer de viver” (HOOKS, 1995, p.466). Seu ensaio sobre a própria trajetória enquanto pesquisadora e intelectual traz grandes contribuições para analisar o lugar ao qual Bicudo ocupou e esteve inserida em meio a preocupação com as discussões sobre a questão racial no país.

Para Hooks (1995), o lugar da intelectualidade para as mulheres negras não é dado como uma escolha disponível, mas sim como uma alternativa quase invisível mediante o controle social exercido pelo racismo estrutural. Nesse sentido, a intelectualidade surge de papéis femininos como a docência, a dedicação ao secretariado e no caso de Virgínia, podemos apontar sua formação como educadora sanitária. As alternativas as quais estas mulheres puderam seguir estão constantemente marcadas por sua trajetória pessoal, que por consequência, estão vinculadas à dimensão racial.

Para o sociólogo Joaze Bernardino-Costa, o intelectual negro assume um papel distinto diante as expectativas e imposições quanto ao papel universal do intelectual, cabe ao sujeito negro produzir de certa forma um contradiscurso e reafirmar sua própria agência frente ao racismo estrutural (BERNARDINO-COSTA, 2018). Um aspecto destacado tanto por Hooks (1995) e Bernardino-Costa (2018) é a visão de que “nem todos os acadêmicos são

intelectuais, como nem todos os intelectuais são acadêmicos” (BERNARDINO, 2018, p.120), essa pressuposição evidencia a importância da agência do pesquisador, sua consciência sobre sua condição e sua escolha em observar a realidade sob uma ótica crítica que possa produzir novas rupturas com a narrativa universalmente estabelecida.

Diante da alternativa em apresentar um novo olhar sobre as questões raciais, o trabalho de Bicudo se alia a Frente Negra Brasileira e seu jornal, *A voz da Raça*, se atendo a novos métodos de pesquisa e produzindo um resultado plural sobre a condição do negro e ainda repercutindo outras vozes históricas. A escolha por entrevistar e potencializar vozes pouco exploradas anteriormente, dá a seu trabalho certa originalidade e nos coloca em contato direto com seus entrevistados que carregam em si mesmos a complexidade das discussões raciais do país. A posição de Bicudo em um contexto de minoria negra nos espaços científicos composto por um discurso de racismo científico, não só aponta por uma espécie de agência mas evidencia um caminho comum a tantos outros pesquisadores do século XX que se preocuparam em reverter a lógica estrutural. A atuação de Bicudo, não impediu que fosse excluída de espaços e tampouco desconectada da Sociologia, a partir disso Janaína Gomes comenta

[...] levar em conta a pertença racial antes de reduzir os sujeitos a um determinado estereótipo, nos ajuda a compreender, interpretar e complexificar mais propriamente as suas trajetórias e relações sociais, dando carne e osso às experiências de negros em nossa sociedade. Não foi diferente com a trajetória de Virgínia Bicudo. Embora tenha participado dos processos de referenciamento acadêmico num período em que a maioria dos negros sequer era alfabetizada e tenha sido sujeito ativo num modelo de vigor da sociologia participante ela sumiu e se fez sumir (GOMES, 2013, p.150).

A partir de sua análise, pode-se notar que há no processo do reconhecimento da intelectualidade e da visibilização do trabalho de uma autora negra, questões que transcendem o mérito da produção científica, aspectos que extrapolam a experiência subjetiva e marcam toda uma geração de intelectuais. Não se pode afirmar que Bicudo foi a única intelectual negra marginalizada, sua experiência se soma a de tantos outros pesquisadores que têm sido retomados e resgatados nos dias de hoje. Assim como Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Beatriz do Nascimento, Clóvis Moura, Guerreiro Ramos e tantos outros intelectuais, que têm suas contribuições retomadas por um movimento acadêmico, mas também social.

Esse argumento também é levantado pelo pesquisador Messias Basques na apresentação da tradução do ensaio “O que os editores brancos não publicarão” (2019) de Zora Neale Hurston, ao reconhecer que “uma parte fundamental da memória e da história das

ciências sociais seja alvo de um processo de branqueamento” (BASQUES, 2019, p.102). Em decorrência deste processo de branqueamento empreendido por editoras e, em última instância, pelos cânones acadêmico-literários, em muitos casos não podemos conhecer ou até mesmo reconhecer os trabalhos e trajetórias de pesquisadores negros, justamente por uma política de exclusão e invisibilização de suas atuações. Ao manter viva toda essa organização, tornou-se um infeliz hábito ouvir de professores a narrativa falaciosa de que não houve pesquisadores negros nas ciências sociais no século XX, fato que corrobora muitas vezes com a falta de conhecimento de pesquisadores ou sua escolha em manter-se inerte as produções negras.

O silêncio em torno de autores como Virginia Bicudo impede futuras gerações de conhecer suas contribuições, sua relação com a produção de pensamento e até mesmo com os sociólogos da época, ignorando de fato “a gravidade do processo de formação acadêmica e intelectual a que estamos submetidos e ao qual submetemos os nossos estudantes” (BASQUES, 2019, p. 104). No artigo traduzido de Hurston, a antropóloga e escritora negra questiona qual interesse dos editores estadunidenses em esconder e apagar as produções dos sujeitos negros, enquanto perpetuam um arquétipo negativo sobre o grupo e seguem reproduzindo e publicando obras que não rompem com essa imagem (HURSTON, 2019).

Ainda que aponte sobre a invisibilidade no mercado editorial, a discussão levantada por Zora Hurston dá destaque tanto a um constante desejo por manter os negros em um local de submissão quanto, em contrapartida, a uma pluralidade de trajetórias e atuações profissionais que estes possam assumir. Ainda que o direito a intelectualidade seja cotidianamente negado aos negros, figuras como Bicudo foram responsáveis por burlar as barreiras do racismo e abrir caminhos para jovens como eu e tantas outras. Em diálogo com esse debate, a tese de Sueli Carneiro, remonta uma dura crítica a subserviência a qual os negros foram colocados,

A compreensão da negação do Outro como sujeito de conhecimento, que se exprime em políticas nas quais o acesso ao conhecimento é negado ou limitado; que lhe impõem, via de regra, um destino social dissociado das atividades intelectuais; que promovem a profecia auto-realizadora legitimadora de uma inferioridade intelectual essencializada; que decretam a morte da identidade como condição de superação do estigma, condenando os sobreviventes a uma integração social minoritária e subordinada (CARNEIRO, 2005, p. 278)

O cenário exposto por Carneiro, tem sido evidenciado por pesquisadores das relações raciais e também foi objeto de análise de Lélia Gonzalez (1988), que destacou o poder do

racismo estrutural em impor posições sociais ao negros, ainda mais às mulheres negras, de modo que grande parte da ruptura com o mito da democracia racial visava não só expor ao mundo as mazelas do racismo brasileiro, mas agenciar e possibilitar que a população negra tivesse conhecimento sobre seus direitos e sua cidadania. Para os pesquisadores que desejaram trilhar o caminho da produção científica, o controle se dá sob várias possibilidades, entre elas, a deslegitimação de seu trabalho, exclusão de grupos ou mesmo redes de pesquisadores, baixa presença de recursos para pesquisa e tantas outras possibilidades sutis que acabam por minar o trabalho desenvolvido pelo pesquisador ao longo dos anos.

As ferramentas de controle e negação da existência de Bicudo, foram várias, entre elas estão não só o apagamento de sua pele, a perda e má qualidade de conversa de seus documentos e controle sobre seus registros (GOMES, 2013), mas também os resquícios de uma estrutura ainda marcada pelo machismo, reverberando ao longo de sua formação acadêmica e quase sessenta anos depois, ao discutir os empecilhos que as mulheres negras enfrentam para serem tidas como intelectuais e pertençam a esse espaço. Um fato reconhecidamente destacado por Bicudo sobre sua condição de mulher se deu ainda quando desejava estudar psicanálise com Durval Marcondes, em uma entrevista ela narra o acontecido

De modo que quando eu encontrei Durval Marcondes, eu disse:

- Eu estou querendo fazer psicanálise, eu quero estudar psicanálise.

Eu não sabia se havia cursos, o que acontecia. Bom, ele ficou muito entusiasmado, porque encontrou alguém que queria estudar psicanálise. Mas antes disso, escutem bem a época como é que era.

- Me traga consentimento de seu pai.

Ai eu disse: - Como?

Ele disse: - Eu quero o consentimento do seu pai porque, você sendo assim jovem, querendo entrar no estudo de psicanálise, que vai lidar com problemas [...], quanto à sexualidade, - não sei o quê - traga consentimento de seu pai. Daqui a 24 horas você pode voltar.

Bom, dali a 24 horas eu voltei e disse:

- Meu pai disse sim.

Meu pai já era falecido! De modo que meu pai interno disse sim. (risos).⁷

Interessante observar as condições sociais da época para dedicação de mulheres a várias carreiras, no entanto, esse seria apenas um dos empecilhos que dificultaria que tantas

⁷ Essa história foi narrada por Bicudo em uma entrevista disponível na página da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo -SBPSP <<https://www.youtube.com/watch?v=YMiFWfi6anY&list=WL&index=10&t=1s>>

jovens negras conhecessem a trajetória de Virgínia. Ainda que somente após a metade do século XX as discussões sobre gênero e raça tenham sido articuladas mais fortemente no ambiente universitário, isso não impediu que a vida de inúmeras mulheres negras fosse marcada pela opressão. A oportunidade de tornar-se intelectual mediante a tantas atribuições sociais a qual essas mulheres estavam submetidas era baixíssima, de modo que Bell Hooks nota,

É o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar ‘interdito’” (HOOKS, 1995, p.468)

A passagem evidencia a completa exclusão das mulheres negras na produção acadêmica e a imposição de barreiras estruturantes ao seguir uma carreira na produção de conhecimento científico. Em seu artigo “Racismo e sexismo no Brasil” Lélia Gonzalez aponta os três lugares aos quais as mulheres negras são submetidas e em nenhum deles está a condição de intelectual. A autora já apontava os estereótipos atribuídos às mulheres negras através da execução de tarefas domésticas e da sexualização de seus corpos, de modo que o exercício do pensamento não lhes foi reconhecido e tido como atividade oportuna. Ao analisar a sociedade brasileira, Lélia antecedeu inúmeros estudos e questionamentos que reafirmaram a ausência de intelectuais negras na Universidade, enquanto os negros foram vistos por muito tempo como objetos inertes de estudos e não como sujeitos ativos em sua própria trajetória e na produção científica.

Sobre a atuação de mulheres negras na sociologia Patrícia Hill Collins cunha o conceito *outsider within* em seu artigo “Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro” de modo a apontar através dele a marginalidade de pesquisadoras negras na sociologia e seu papel para ruptura do status das ciências sociais mobilizado majoritariamente por homens brancos. Para a socióloga é justamente a marginalidade diante dos padrões de produção científica que permite a essas pesquisadoras um estímulo à criatividade, atuando muitas vezes como estrangeiras nestes espaços acadêmicos de modo que “podem pertencer a um dos vários grupos de intelectuais marginais cujo ponto de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo” (COLLINS, 2016, p.101).

Nesse sentido, o local a qual mulheres negras são colocadas pode ser transformado em um mote para observar a realidade sob um outro ponto de vista, fazendo com que as mulheres negras possam levantar múltiplas vozes em meio a novas perspectivas e narrativas sobre a

sociedade. Assim como Collins, Bernardino-Costa (2018) também aponta sobre o local da existência dos sujeitos negros e sua potencialidade para formação e análise científica, destacando que essa pluralidade pode ser vista como uma “afirmação do lugar de fala bem como das experiências vividas dos sujeitos do conhecimento” (BERNARDINO-COSTA, 2018, p.126).

Enquanto a organização social subordina mulheres negras diante da presença majoritariamente masculina e branca na produção de conhecimento, as disputas políticas e sociais no campo do pensamento científico farão parte dos esforços em retomar outras produções e trajetórias, com intuito de promover não só o devido reconhecimento, mas de destacar que a subordinação feminina negra aos sexismo e o racismo segue por impedir seu pleno acesso a intelectualidade. Ao meu ver, a subjugação de Bicudo nas Ciências Sociais não ocorre pelas vias diretas de sexualização ou imposição ao trabalho doméstico, mas sim, através de sua identidade, de modo que outras ferramentas são mobilizadas para que sua condição de marginalizada na sociologia seja recorrentemente mantida. Ainda que sua carreira aparentemente não tenha sido afetada pelos estereótipos mais gerais do sexismo e racismo brasileiro, sua condição enquanto intelectual foi duramente afetada e marcada por esses resquícios.

O resgate da trajetória de Virgínia faz-se não somente por suas contribuições teóricas e metodológicas, parte de uma disputa política por pertencimento e visibilidade, ao colocar figuras como ela na centralidade da produção do conhecimento podemos nortear não só como fazer ciência, mas também ampliar a diversidade daqueles sujeitos que podem fazer ciência. O constante conflito e dilemas vivenciados por pesquisadores negros reforça a compreensão de que o racismo permeia a universidade e todas as instituições sociais que por ali se intercomunicam, reforçando não somente a desigualdade mas deixando claro que os sujeitos negros pouco ou quase nada pertencem a esse mundo.

Nesse sentido, Lélia Gonzalez afirma

Mas nem por isso vamos ficar passivamente calados assistindo à decadência desse império romano de hoje que é a chamada civilização ocidental. Afinal, somos os bárbaros que o derrubarão. Por isso mesmo temos que assumir nossos bárbaros valores, lutar por eles e anunciar uma nova era. Nova era de que somos os construtores (GONZALEZ, 2020, p.182).

Ao reconhecer o poder de mudança pertencente à população negra, uma possibilidade exercida através de suas próprias normas e conhecimentos, fugindo da lógica universalista e

branca de compreender o mundo. Apesar de sua posição, não se deixa esquecer do controle social exercido sobre os sujeitos negros, sua ausência nos espaços de poder e de produção de conhecimento, entretanto, nos permite olhar sob uma lente positiva e visibilizar sujeitos negros que puderam romper fronteiras. A ruptura lenta e gradual construída no pensamento social brasileira evidenciou que “obviamente, apenas nos últimos trinta anos mulheres negras puderam, individualmente, reivindicar sua escolha por uma vida intelectual como vocação” (HOOKS, 2020, p. 209), como uma grande exceção Bicudo conseguiu se colocar muito antes e ainda assim, afetou todas nós.

3.2 Uma nova narrativa negra e a influência do ativismo

Ao refletir sobre as múltiplas noções que transpassam a intelectualidade, perguntas como “*quais produções são relevantes e reconhecidas?*” “*Somente a universidade produz conhecimento?*” ganham espaço e acabam por abrir portas para compreensão do papel das organizações negras na produção de conhecimento muito antes do amplo acesso à Universidade neste século. Sobre o tema, o sociólogo Joaze Bernardino-Costa afirma que a intelectualidade pode ser expressa por “todas aquelas pessoas capazes de construir uma homogeneidade e consciência de grupo para a população negra, bem como capazes de apontar os caminhos da resistência e da reexistência” (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 126) de modo a destacar não só o papel de estudiosos e pesquisadores mas reconhecer a atuação de outros setores da sociedade que não está necessariamente forjada no seio das Universidades.

A atuação e construção de saberes para além dos muros acadêmicos marcam um período de urgência e exigência negra em prol de mudanças que não só seria um marco histórico mas a transformação da vida de inúmeros jovens negros. Ao discutir sua formação, bell hooks comenta: “com frequência, imagino como teria sido minha vida se eu não tivesse atingido a maioria no auge do movimento pelos direitos civis e do movimento pela libertação das mulheres” (HOOKS, 2020, p.208). Seu exemplo não é isolado e pode ser observado diante da história do movimento negro brasileiro, dos conflitos e exigências políticas por toda América Latina, de modo que as organizações negras mudaram o rumo do acesso ao ensino e a disputa pela produção de conhecimento.

Nesse sentido, ficou claro ao longo dos anos que a presença negra na universidade abarcaria uma mudança ainda mais profunda vinculada ao eixo norteador de análise, o modo

de fazer ciência e o próprio método envolvido. Durante anos 1970, Abdias Nascimento se preocupou em se colocar em seu próprio estudo e evocar seu lugar enquanto negro e pesquisador diante de seu sujeito de pesquisa. Considerou que sua lente para compreender o mundo estava marcada por uma trajetória singular e traria às suas contribuições uma perspectiva única com relação ao demais pesquisadores das relações raciais do período, sobre sua escolha proposital afirma “nem está o autor deste [livro] interessado no exercício de qualquer tipo de ginástica teórica, imparcial e descomprometida” (NASCIMENTO, 2016, p.47). Reconhece que enquanto pesquisador, somente através de sua própria situação, enquanto negro, é que poderia efetivamente considerar uma série de aspectos históricos a qual não poderia deixar de lado.

Suas indagações são pertinentes e norteiam debates quanto à neutralidade científica e à imposição desta a pesquisadores negros. Ao reconhecer e visibilizar pesquisadores como o próprio Abdias e Lélia Gonzalez, a produção científica teve que se reorganizar e compreender de que maneira esses sujeitos fizeram pesquisa ao longo do século XX, como suas atuações foram marcadas pelas organizações sociais e seu pensamento influenciado por toda luta negra que se passava nas diásporas como um todo. Reconhecer a existência desses intelectuais exige do ambiente universitário um exercício marcado por princípios de pluralidade e diversidade. Para tanto é fundamental a autocrítica e revisão das normativas científicas.

No artigo “Das insurgências e deslocamentos intelectuais negros e negras: movimentos sociais, universidade e pensamento social brasileiro, século XX e XXI” a pesquisadora Claudia Miranda (2018) nos convida a questionar como os intelectuais negros seguem enfrentando os obstáculos filosóficos e epistemológicos na produção de suas obras, de modo que a importância da disputa pela intelectualidade e o reconhecimento de pesquisadores negros passa necessariamente pela disputa e questionamento da normativa acadêmica, com intuito de repensar os referências teóricos e os moldes ocidentais de enxergar o mundo.

Ainda que em muitos casos a ruptura com essas tradições não seja em sua integridade, a transformação faz-se necessária. No caso de Virgínia, por exemplo, notamos que no cerne do surgimento da sociologia seu trabalho e sua formação na área ficaram marcados pela busca pela objetividade e uma racionalidade europeia em ascensão. Influenciada pela Escola de Chicago, seguiu seus métodos e orientações, ao perceber esse aspecto me questionei sobre sua relação com o tema, seu local de enunciação e sua articulação quanto à sua aproximação com objeto. Estrategicamente se coloca em sua pesquisa e aponta esclarecimentos para seus

dilemas subjetivos, tece análises sobre o subjetivo e antecede sua própria percepção psicanalítica, de certa forma, reconhece a si mesma em sua pesquisa.

Com uma perspectiva interessante sobre o tema, Gonzalez rebate a proposição de que as minorias possam ser donas de sua própria história ao afirmar “nesse sentido eu sou mais lacaniana, vamos ser os sujeitos do nosso próprio discurso. O resto vem por acréscimo” (GONZALEZ, 2021, p. 312), com intuito de evidenciar a urgência por reconstruir toda narrativa acerca dos negros e conseqüentemente aplicar essa discussão nos espaços de produção de conhecimento. Justamente através de figuras como Lélia Gonzalez que a importância de reconstrução da existência negra foi pautada dentro dos movimentos sociais em todo Brasil, em um diálogo muito rico com organizações internacionais em meio as lutas de independência dos países africanos, os movimentos civis nos Estados Unidos e a luta contra a segregação racial na África do Sul.

Ao compreender o racismo por sua aparência distinta e mutável, Abdias do Nascimento (2016) aponta que as disputas travadas nesse cenário devem ser travadas sob essa hipótese em direção a preservação física, mas também cultural da população negra. Por meio de sua atuação no Teatro Experimental do Negro (TEN) o historiador reconheceu a importância da construção de alternativas ao embranquecimento da identidade negra e ao genocídio vivenciado diariamente pelos sujeitos negros. As tentativas implementadas ao longo do século XX evidenciam a importância de atuar em inúmeras frentes e reconhecer a heterogeneidade da produção de conhecimento, nesse sentido Bernardino-Costa aponta

Este tem sido o desafio para as novas gerações de pesquisadoras e pesquisadores negros: trazer não apenas os diversos registros orais e artísticos da população negra para o primeiro plano da interpretação sócio-histórica da sociedade brasileira, mas também os próprios trabalhos escritos por intelectuais brasileiros, que foram marginalizados pela produção hegemônica do conhecimento no país (BERNARDINO-COSTA, 2018, p. 132).

O reconhecimento da possibilidade de que cada vez mais os trabalhos de intelectuais negros sejam resgatados, criticados, analisados e difundido em programas de Universidades brasileiras, além de visibilizados por toda sociedade parte de uma premissa ironicamente exposta por Zora Hurston, que “a percepção de que os negros não são melhores nem piores e, às vezes, tão fantásticos quanto todos os outros, dificilmente matara a população da nação” (Hurston, 2019, p.110). Por fim, é necessário reconhecer que as disputas em torno da intelectualidade, da narrativa sobre os negros e o acesso ao ensino superior são fruto da luta política construída pelo movimento negro brasileiro, de modo que não só a produção de

conhecimento reflete essa mudança, mas o próprio interesse de jovens pelo tema mobiliza as novas gerações em direção ao mesmo caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que as disputas em torno da narrativa sociológica - e para além desta área - seguem através das gerações com intuito de reivindicar a visibilidade de intelectuais negros e suas contribuições para as ciências sociais. Virgínia Leone Bicudo atuou em inúmeras frentes e inaugurou a participação das mulheres negras em espaços como a Escola Livre de Sociologia e Política, o Projeto Unesco e até mesmo na fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Sua trajetória pode e deve ser localizada mediante a um cenário de difícil acesso a oportunidades, marcado por barreiras vinculadas ao gênero e a raça manteve-se pioneira, porém não seguiu alheia a toda opressão propiciada por sua condição enquanto mulher negra.

Por meio das discussões aqui levantadas, é possível notar que a marginalização de Bicudo na sociologia ocorre através do racismo institucional e pelo amplo processo de apagamento e invisibilização de grupos minoritários no espaço acadêmico. De modo que, seus trabalhos e contribuições seguiram por um longo período desconhecidos, retirados dos currículos e disciplinas enquanto predominava o ensino de uma sociologia majoritariamente branca. Ambos trabalhos realizados pela autora, apresentam discussões promissoras e abrem caminho para uma análise subjetiva acerca do fenômeno do racismo, ainda que em meio aos moldes sociológicos da época, seu esforço foi direcionado a construir pesquisas amplas com metodologia quali e quantitativas sobre as relações raciais.

Cerca de oitenta anos depois, sua pesquisa apresenta elementos atuais em meio ao racismo no ambiente escolar e sua relação com a socialização infantil, ainda que outros elementos tenham sido levantados, suas percepções são um primeiro passo para áreas como a sociologia da educação e da infância. A urgência pela mudança no eixo teórico de estudos, por diversidade e inclusão no espaço acadêmico ampliou não só o acesso ao ensino superior como também possibilitou que nos debruçarmos sobre figuras que até então inexistentes. Em diálogo com autores negros foi possível discutir e ampliar as percepções acerca da intelectualidade negra, sua produção de conhecimento e as origens de suas próprias observamos sobre o mundo. Para nesse sentido, reconhecer o direito a intelectualidade para os negros e a oportunidade de construí-la sob outras diretrizes.

Ao final, concluo que em meio a sua trajetória singular Bicudo tornou-se uma grande pensadora brasileira, abriu portas para inúmeras outras intelectuais negras e deve ser reconhecida por tal feito. A Virgínia o meu grande agradecimento por ter sido minha antecessora.

Pósfacio

Uma estratégia artística

Ao longo da escrita desta monografia me desafiei não só a propor uma nova análise sobre Bicudo, seus trabalhos e suas contribuições, mas também a produzir um produto artístico que dialogasse com uma nova releitura sobre sua imagem - tão embranquecida - mas também que trouxesse liberdade a minha escrita e imaginação sociológica. O desafio de escrever este trabalho mobilizou não somente o conhecimento adquirido na graduação, mas as alternativas criadas em meio a uma pesquisa documental que não pode ser realizada devido a pandemia, e ainda, a um forte ímpeto pessoal artístico que pôde ser trabalhado em conjunto com toda produção sociológica.

O processo por ressignificar a imagem de Bicudo, ganhou vida no final de 2020 ao delinear meu projeto de pesquisa na disciplina Prática de Pesquisa 1 - PP1 e particularmente me motivou a expressar os detalhes e o mapeamento sociobiográfico realizado nesta pesquisa de forma visual, para além de um texto escrito. De fato, desconheço de maneira geral trabalhos que ampliem o formato escrito exigido aos graduandos, no entanto decidi à minha maneira trazer uma nova contribuição aos estudos sobre Bicudo e tornar esse trabalho cada vez mais atrelado a personalidade da minha pesquisa.

Ao me deparar com a pesquisa de Janaína Gomes (2013), passei a refletir sobre o processo histórico ao qual Virgínia foi submetida e de que forma todo embranquecimento vivenciado por ela influenciou diretamente sobre o imaginário construído acerca de sua aparência. A clássica imagem que estampa as pesquisas sobre sua vida mostra um rosto ainda jovem durante sua formação na ELSP, com intuito de explorar novas percepções, elementos e significâncias me propus a reimaginar sua fotografia explorando em uma colagem sua trajetória paralelamente atrelada a sua imagem.

A colagem desenvolvida nesse período ganha a capa da monografia e estampa um rosto maduro e sorridente. Me senti livre para criar e apresentar um projeto que tenha ao menos uma boa parte de minhas próprias impressões sobre a socióloga, o que significou para

mim e o que esta pesquisa reuniu modestamente em dois semestres. De modo que sua imagem foi relacionada a uma nova percepção, a frase de Gomes (2013) que mobiliza toda essa pesquisa tem um novo sentido aqui, que é justamente desvendar o mistério que cobre sua existência.

Virgínia através dos meus olhos



REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Virgínia Bicudo: a trajetória de uma psicanalista brasileira. Arte & Ciência Editora, 2010.
- ALMEIDA, Tânia Mara Campos. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. cadernos pagu, n. 36, p. 417-425, 2011.
- BRAGA, Ana Paula Musatti. Pelas trilhas de Virgínia Bicudo: psicanálise e relações raciais em São Paulo. Lacuna: uma revista de psicanálise, v. 2, n. 1, 2016.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016.
- BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas. Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo, p. 227-310, 1955.
- BICUDO, Virgínia Leone; MAIO, Marcos Chor. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. Editora Sociologia e Política, 2010.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese de Doutorado.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. Protagonismo do pensamento negro no Brasil: o lugar das mulheres e crianças negras no Projeto UNESCO. Educação em Revista, v. 34, 2018.
- CRUZ, Eliana Alves. Água de Barrela. Rio de Janeiro, Editora Malê, 2018a.
- DA CRUZ, Ana Cristina Juvenal; ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. A pesquisa sobre criança e infância no Projeto UNESCO. Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 2, p. 321-346, 2015.
- GOMES, Janaina Damaceno. Os segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Editora Vozes Limitada, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira (1980). Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa... Coletânea organizada e editada pela UCPA-União dos Coletivos Pan-Africanistas. São Paulo: Diáspora Africana, p. 190-214, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

HOOKS, Bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Trad. Bhuvi Libânio. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. Estudos feministas, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

HURSTON, Zora Neale; BASQUES, Messias. O que os editores brancos não publicarão (Tradução)/Zora Hurston e as luzes negras das Ciências Sociais (Texto de apresentação-Messias Basques). Ayé: Revista de Antropologia, v. 1, n. 1, 2019.

LIEDKE FILHO, Enno Dagoberto. A sociologia no Brasil: história, teorias e desafios. Sociologias. Porto Alegre. Vol. 7, n. 14 (jul./dez. 2005), p. 376-437, 2005.

MIRANDA, Claudia. Das insurgências e deslocamentos intelectuais negros e negras: movimentos sociais, universidade e pensamento social brasileiro, século XX e XXI. Revista da ABPN, v. 10, n. 25, p. 0, 2018.

MAIO, Marcos Chor. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. Cadernos Pagu, n. 35, p. 309-355, 2010.

MAIO, Marcos Chor. GUERREIRO RAMOS INTERPELA A UNESCO: ciências sociais, militância e antirracismo. Caderno CRH, v. 28, n. 73, p. 77-90, 2015.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. Revista brasileira de ciências sociais, v. 14, n. 41, p. 141-158, 1999.

MAIO, Marcos Chor. Introdução: a contribuição de Virgínia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. Bicudo, Virgínia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

MAUTNER, Anna Veronica. Fui buscar defesas para o íntimo. Folha de São Paulo. São Paulo, 06 de Outubro, 2000. Disponível <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0610200018.htm>>.

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Editora Perspectiva SA, 2016.

RAMOS, Alberto Guerreiro. O problema do negro na sociologia brasileira. Cadernos de Nosso Tempo, v. 2, n. 2, p. 189-220, 1954.

SANTOS, Elisângela da Silva. El legado de Virgínia Leone Bicudo para la sociología de la infancia en Brasil. Cadernos de Pesquisa, v. 48, n. 170, p. 1194-1217, 2018.

SILVA, Áurea Pereira da. Engenhos e fazendas de café em Campinas (séc. XVIII-séc. XX). Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 14, n. 1, p. 81-119, 2006.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Reabilitando Virgínia Leone Bicudo. 2011.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOFF, Sonia. Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. *Jornal de Psicanálise*, v. 44, n. 80, p. 65-77, 2011.

VICTORINO, Shirlei Campos. *Escrevivências: notas sobre a poesia negra-brasileira em voz feminina*. In: *Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades*. 2015.